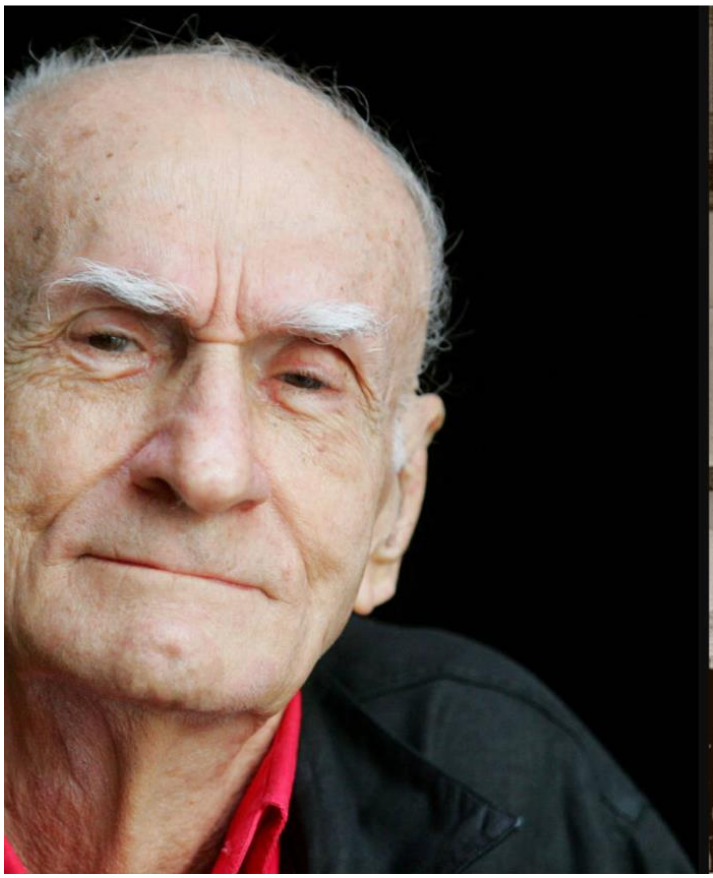
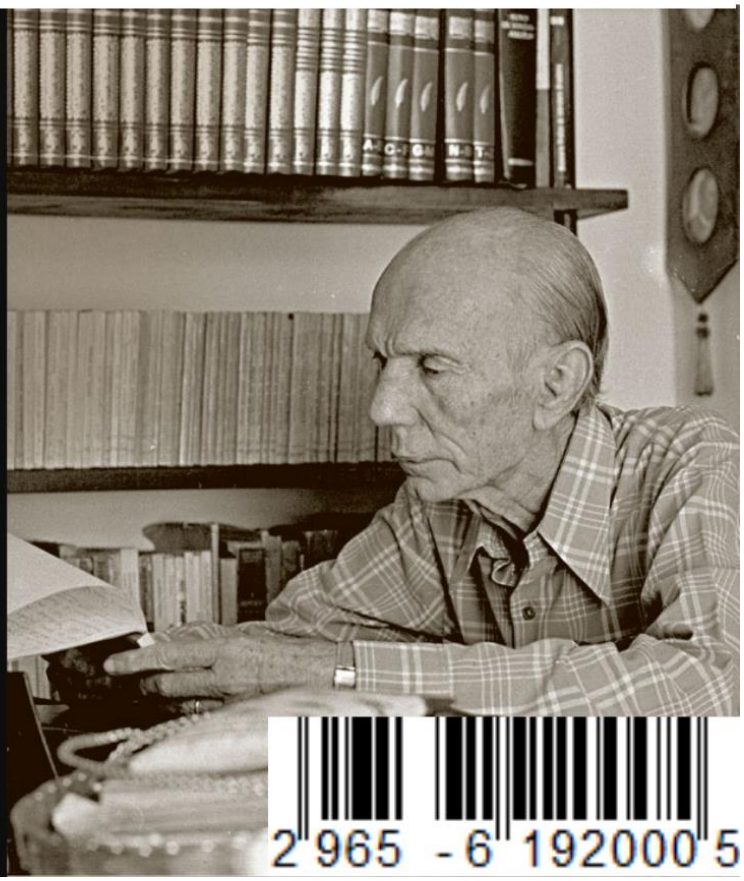
# Revista Sarau©

**Volume 4 nº 6 - jan./fev. de 2024 - ISSN 2965-6192**

**CONTOS - CRÔNICAS - POESIAS - RESENHAS - ENTREVISTA - ARTES VISUAIS**





# EXPEDIENTE

Volume 4 – número 6 – janeiro / fevereiro de 2024
Fortaleza – CE – Brasil
Publicação Bimestral
Distribuição Gratuita: On-line

**EDITORES CHEFES:**

Nonato Nogueira e Débora Nogueira de Oliveira

**JORNALISTAS:**

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES
Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

**CONSELHO EDITORIAL:**
Afrânio Câmara, Luciana Bessa, Néia Gava, Elaine Meireles, Ivan Melo e José Roberto Morais

**REVISÃO E NORMATIZAÇÃO:**

Marcondes Jamacaru, Ivan Melo, Elaine Meireles, Néia Gava e José Roberto Morais.

**DIAGRAMAÇÃO:**
Nonato Nogueira

**CAPA:**
Reprodução das fotos de: Renato Russo, Hilda Hilst, Ariano Suassuna e Moreira Campos.

**CONTATO:**

revistasarau2@gmail.com
Instagram: @revistasarau
https://revistasarau2.wixsite.com/revista-sarau

**Colaboradores desta edição**:
Afrânio Câmara, Luciana Bessa, Maria Eliene Fernandes da Silva, Lucirene Façanha, Ivan Melo, Túlio Monteiro, Alves Andrade, Luiza Pontes, Guethner Gadelha Wirtzbiki, Marcondes Jamacaru, Mylena Gomes, Rai Albuquerque, José Roberto Morais, Alessandra Aguiar Riquet Martins, Ana Paula Marques, Néia Gava, Adriano Sousa, Cristiano Ferreira Junior, Valeria Acioly, Miriam Pina, Elaine Meireles, Messias Rodrigues, Amauri Flor, Nonato Araújo e Ferreira Lima.

A Revista Sarau é uma revista de literatura, música, cinema, teatro e artes visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

**Política de Direitos Autorais**

Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores. Todos os direitos reservados.
Os autores e artistas que publicam os seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:
●. Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
● O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
●. Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse: https://revistasarau2.wixsite.com/revista-sarau

# SUMÁRIO


4 Editorial
5 Sobre ela, Hilda Hilst / Afrânio Câmara
7 Hilda Hilst – ousada em prosa e em verso / Luciana Bessa
9 Sombras / Maria Eliene Fernandes da Silva
10 O que é obsceno? / Lucirene Façanha
12 O legado literário de Hilda Hilst / Néia Gava
13 Mística personalidade / José Roberto Morais
14 Moreirices pelo bosque / Ivan Melo
17 Moreira Campos, o contista / Elaine Meireles
19 Crônica para relembrar e nunca esquecer o Benfica de Moreira Campos/ Túlio Monteiro
21 A eternidade amorosa, repisada na literatura dos mestres: Machado de Assis, Moreira Campos, Vinícius e Pedro Lira / Alves Andrade
23 Moreira Campos, um encantador! / Adriano Sousa
24 Contos de Moreira Campos / Luiza Pontes
25 Cobiça / Guethner Gadelha Wirtzbiki
26 A legião Urbana e o Teatro dos Vampiros / Marcondes Jamacaru
28 Meu tempo perdido / Mylena Gomes
29 Uma antiga canção / Rai Albuquerque
30 O trovador solitário / José Roberto Morais
31 Trovador solitário / Alessandra Aguiar Riquet Martins
32 O tempo / Ana Paula Marques
33 Os dois pastores / Afrânio Câmara
34 O Auto da Compadecida e a sua temporalidade / Néia Gava
36 Ariano Suassuna, um mestre! / Adriano Sousa
37 Entrevista – Flávia Suassuna e Ariano Suassuna / Elaine Meireles
39 O devolvido / Cristiano Ferreira Junior
40 Falsidade. Siga em frente / Valeria Acioly
41 Persistência. Consolação / Miriam Pina
42 Silêncio. Suave beleza / Elaine Meireles
43 Café ou cerveja / Messias Rodrigues
44 Artes visuais / Amauri Flor
46 Artes visuais / Nonato Araújo
47 Artes visuais / Ferreira Lima

# EDITORIAL

Qual a validade de uma semente? Será que ela tem prazo de validade a expirar? Germinarão as sementes independentemente do tempo e das estações? Há notícias de sementes encontradas em túmulos antigos no Egito que germinaram, pois bem armazenadas, superando as condições adversas.

Autores e obras são como sementes e frutos, que por vezes são esquecidos em livrarias ou sebos, sem que ninguém os escolha para ler. E a homenagem da ***Revista Sarau***, nesta edição, a Hilda de Almeida Prado Hilst (Hilda Hilst), José Manfredini Junior (Renato Russo), José Maria Moreira Campos (Moreira Campos), Flávia Suassuna e Ariano Suassuna confirmam-nos que sementes bem armazenadas sempre brotam e oferecem muitos frutos!

Romances como ***A Obscena Senhora D*** e ***O Caderno Rosa de Lori Lamby*** revelam a ousadia, a introspecção, a criatividade e a atualidade de Hilda Hilst, que insere em sua obra temáticas como a prostituição infantil consentida pelos pais, questionamentos existenciais, o universo feminino.

Renato Russo destaca-se em nossa cultura como cantor, compositor, produtor, líder e fundador da Banda Legião Urbana. Fenômeno na famosa ***Era de Ouro do Rock***, suas músicas são objeto de estudo, regravadas e adaptadas ao cinema (***Faroeste Caboclo***, ***Somos tão jovens***, ***Eduardo e Monica***).

Moreira Campos, escritor cearense, com contos traduzidos para várias línguas, conquista vários prêmios e leitores, por sua escrita econômica, concisa. Comenta-se que suas últimas palavras, dirigindo-se à sua esposa D. Zezé, foram versos de Camões: "... ***para tão longo amor tão curta a vida***".

Ariano Suassuna e Flávia Suassuna possuem em comum o sobrenome, são cativantes palestrantes, possuem a imortalidade da ***Academia Pernambuco de Letras*** e a riqueza no processo de criação. Ele, fundador do ***Movimento Armorial*** e autor do ***Auto da Compadecida***; ela, autora do primeiro romance pernambucano escrito por uma mulher, ***Jogo das Trevas***.

Então, vamos à leitura e boa colheita para todos!

# SOBRE ELA, HILDA HILST

Texto de Afrânio Câmara

Foto: Reprodução

*Com enorme prazer*, tratamos aqui de literatura brasileira, de autoria feminina, de mulher muito à frente de sua geração, ainda que parte da crítica especializada insista em categorizá-la, prendê-la, (se isto é possível), ao rótulo de escritora pós-modernista. Mas, convenhamos, o que isto realmente quer dizer?

Hilda Hilst, escritora multifária, insiste em perquirir o seu leitor, provocá-lo, confrontá-lo diretamente. Isto é notório. Mas, é pelo despertar do desejo, ou dos tantos desejos da alma e do corpo feminino, destacadamente, com doses generosas de erotismo, que a poeta alcança o seu leitor.

Cronista, dramaturga, poeta. Hilda prioriza em sua literatura o universo da mulher, seus desejos inconfessos. E por esta razão mesma, em tempos mais obscuros teve a sua obra questionada, minimizada publicamente. Em tempos mais recentes, de menor obscuridade, Hilda é festejada como autora escatológica, consagrada, aplaudida por leitores e crítica - canônica.

A escritora nasceu em Jaú-SP, na data de 21 de abril, ano de 1930. Faleceu em 04 de fevereiro de 2004, em Campinas-SP. Escreveu diversos livros, desde *Presságio*, em 1950, até o seu último, *Do amor*, em 1999. A despeito da acolhida fria e indiferente aos seus primeiros escritos, hoje a literatura de Hilda é reverenciada, especialmente a sua poesia, pela crítica especializada e seus tantos admiradores.

No ano de 2012 o público é agraciado com a publicação de *Do desejo*, uma compilação de sete de seus livros, numa coletânea especial de poemas da autora em que, como já anuncia o título do livro, o amor, em suas tantas performances de desejo, é celebrado despudoradamente. Desse conjunto de poemas de Hilda, trazemos aqui um dos textos mais belos e intrigantes da poesia brasileira:

**Tenta-me de novo**

E por que haverias de querer minha alma
Na tua cama?
Disse palavras líquidas, deleitosas, ásperas
Obscenas, porque era assim que gostávamos.
Mas não menti gozo prazer lascívia
Nem omiti que a alma está além, buscando
Aquele Outro. E te repito: por que haverias
De querer minha alma na tua cama?
Jubila-te da memória de coitos e acertos.
Ou tenta-me de novo. Obriga-me.

Aqui, em palavras rápidas, uma mescla de prazer e inquietação. No poema um eu-lírico inquieto, como que a inquirir um outro ser que não aparece materialmente no texto, mas que há uma sugestão nos versos de que o leitor compactua de sua presença aproximada.

E aí, nesse jogo de sentidos, desbrava-se a pergunta inicial do poema: “E por que haverias de querer minha alma/Na tua cama?”, pergunta esta que volta ao poema, reiterada, explicitamente repetida pelo eu-lírico. O desejo, aqui representado pela *cama*, aparece imediatamente envolvido com algo maior, espiritualmente superior – *alma.*

E a interrogação se repete no poema como que numa busca insistente de resposta. E pela ausência dessa resposta, eis a declaração, sentença do eu-lírico para esse outro ser: que fique com a memória da relação – coitos e acertos,
Ou, numa outra direção, que tudo possa ser *tentado*, revivido uma outra vez. Aqui, uma outra ideia subjacente, herética, profana: tentação.

Acompanhando esse círculo especial de sentidos, neste final de uma breve referência a essa brilhante poeta, tente ler Hilda Hilst. Tente de novo. Tente uma vez mais conhecer, de perto, a boa poesia da nossa literatura. Obrigue-se a isso.

Afrânio Câmara é Graduado em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Tem Mestrado em Letras, área de concentração em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, concluído em 1997. Defendeu Dissertação sobre a obra do escritor Rubem Fonseca. Concluiu Doutorado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, com área de concentração em Literatura Comparada, em 2011. Com o Doutorado, teve a oportunidade de aprofundar os seus estudos sobre o conto fonsequiano e narrativa urbana contemporânea. Desde o seu ingresso na UERN, ministra as disciplinas Teoria da Literatura e Literatura Brasileira na Graduação.

# HILDA HILST – OUSADA EM PROSA E EM VERSO

Texto de Luciana Bessa

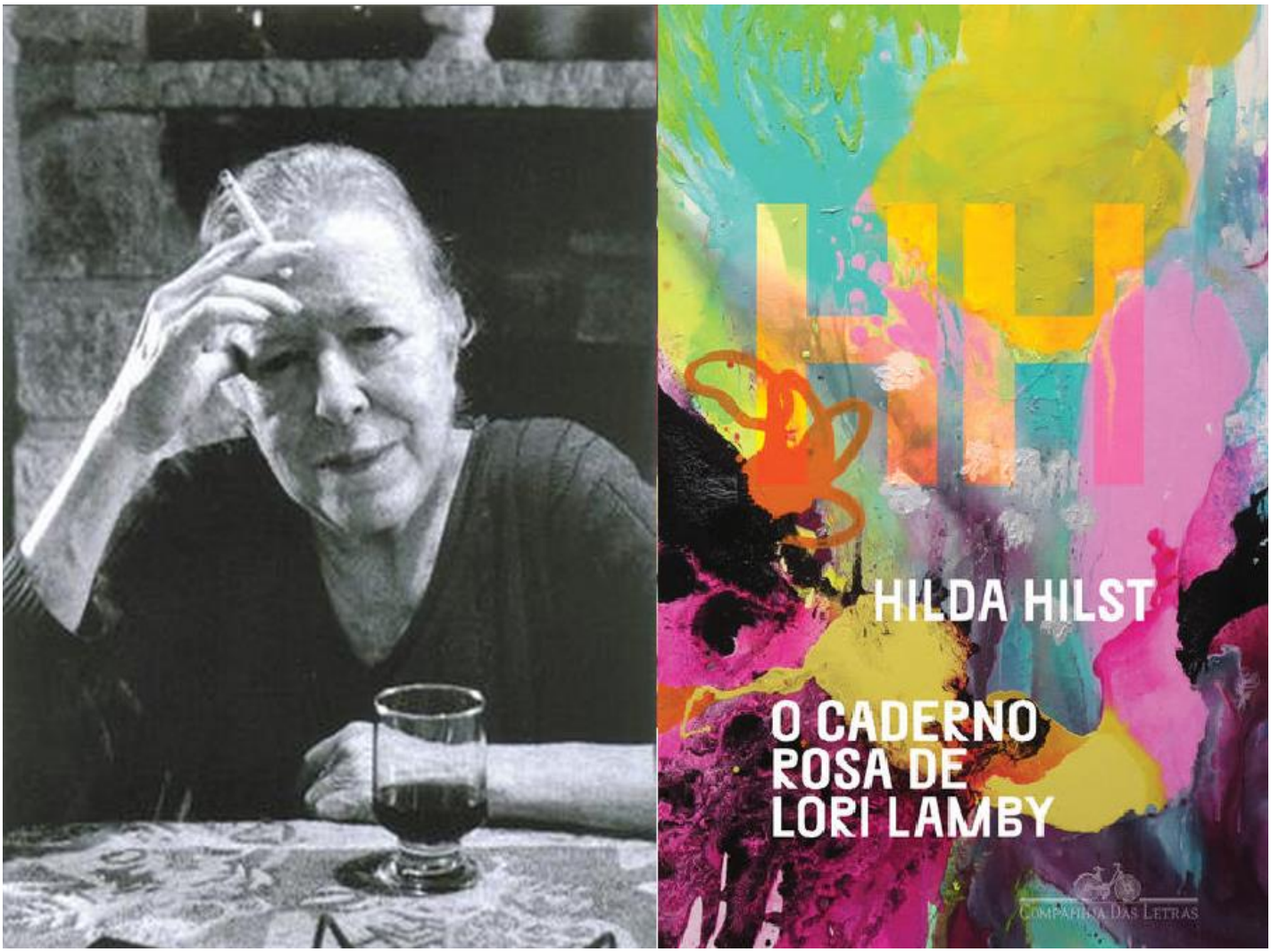



Foto: Reprodução

"Fico besta quando me entendem". Clássica frase de Hilda Hilst, que dá título a um dos seus livros, uma das mulheres mais conscientes do seu papel enquanto escritora e, que por isso, conseguiu unir a técnica da poesia à expressão do sentimento.

Nascida em 21 de abril de 1930, em Jaú, SP, Hilda de Almeida Prado, ou simplesmente Hilda Hilst, poeta, cronista, dramaturga, uma mulher inquieta, ousada e perspicaz, teve pouco reconhecimento em vida como escritora, mas com muitas necessidades prementes: ser (mais) lida pelo público era uma delas.

O que faz um escritor/escritora ser lido/a pelo público é, para mim, um grande mistério. Há quem diga que Guimaraes Rosa, criador de **Grande Sertão: Veredas** (1956), é um escritor difícil, contudo ele é muito lido. Outros dizem que Euclides da Cunha "pesou a mão" em **Os Sertões** (1902), obra extensa (dividida em três tomos) lida, relida e debatida por especialistas e leitores, tal qual os livros de Clarice Lispector.

O que sei é que Hilda Hilst insatisfeita por seus livros não terem a quantidade de leitores que gostaria resolveu, na década de 90, não mais produzir "literatura séria" e enveredou pelo universo da escrita pornográfica com a trilogia **Contos d'Escárnio. Textos grotescos** (1990), **Cartas de um**

**sedutor** (1991), **Caderno Rosa de Lori Lamby** (1992) e depois **Bufólicas** (1992), narrativas subversivas e polêmicas.

Hilda Hilst disse, então, ter conseguido alcançar seu intento: chamar a atenção do público e da crítica especializada (não positivamente). Por vezes não é fácil a relação entre livro e leitor. A leitura implica, necessariamente, reciprocidade entre ambas as partes. Todo escritor imagina um leitor "ideal" para sua obra. Além disso, existe a forte ideia disseminada pela Academia da existência de um leitor "mais competente" e de um leitor "menos competente". Sei tão somente que Livro e Leitor precisam desenvolver uma simbiose para que a leitura ocorra, porque é este último quem legitima ou não a obra literária.

Sei, ainda, de uma frase citada por Hilda de uma poeta americana: "Leia-me, não me deixe morrer!", que me sensibiliza, me leva a refletir sobre o quão difícil é o ofício de escrever, assim como na responsabilidade que o leitor assume diante de um livro.

Hilda foi rotulada de mulher "eremita, arredia, indomesticável" e de ser uma escritora erudita e hermética, mas foi premiada em versos, **Cantares de perda e predileção**, (1980, Prêmio Jabuti), em prosa, **Ficções**, (1977, Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte) e no teatro, **O verdugo**, (1969, Prêmio Anchieta). Ela dominava como poucos seus apetrechos de trabalho e era consciente de suas escolhas semânticas, fonéticas e sintáticas, por isso recusava-se a produzir uma "literatura dengosa" ou "água com açúcar" para ser lida como fizeram alguns escritores do século XIX, a exemplo de Joaquim Manuel de Macedo.

Criadora de uma obra diversificada e extensa, adepta do fluxo de consciência, cultivou temas como a insanidade, o misticismo, a libertação sexual feminina, o erotismo; a produção literária de Hilda Hilst abrange mais de quarenta títulos (poesia, ficção, teatro). Com uma linguagem inovadora, ácida e questionadora, ousou desafiar o mercado editorial e não se calar quanto aos rótulos recebidos. Quando a chamavam de obscena em alusão à obra (**A obscena senhora D**), era categórica em dizer: Obscena para mim "é a miséria, a fome, a crueldade, a nossa época é obscena". Duvida?

Luciana Bessa - Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará e membro da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno.

# SOMBRAS

**Texto de Maria Eliene Fernandes da Silva**

A cartomante olhou Camilo com olhos oblíquos de cigana. Ele sentiu medo, mas continuou a consulta, precisava saber se o amor estava seguro.

“O outro não sabe nada, segue, o amor de vocês é abençoado pelos anjos.”

Ele saiu certo de que iria desfrutar do intenso amor às escusas.

Ela olhou pela janeira e soltou uma gargalhada de bruxa velha.

Um cão saltou sobre Camilo e rasgou-lhe a camisa, mas ele seguiu. Um som tocava a canção Tempo Perdido, havia uma sombra estranha que o seguia. Ele sentiu um arrepio, porém ignorou-o e continuou com a cabeça nas nuvens, cheio de desejo, planos e fantasias...

Camilo entrou sem ser anunciado, Vilela apunhalou-o sem piedade.

Rita lia o poema “Aquela”, de Hilda Hilst, ouviu o grito terrível, sentiu que Camilo não estava mais entre os vivos. Pegou a faca de pão, esfaqueou Vilela e fugiu sem rumo.

Agora, Vilela fica na calçada, olhando a rua deserta, ouvindo uma música “romântica”:” Volta, Rita, “que perdoou a facada.”

A sombra de Camilo o atordoa...

**Aflição de ser eu e não ser outra.**
**Aflição de não ser, amor, aquela**
**Que muitas filhas te deu, casou donzela**
**E à noite se prepara e se adivinha**
**Objeto de amor, atenta e bela.**

**Aflição de não ser a grande ilha**
**Que te retém e não te desespera.**
**(A noite como fera se avizinha)**

**Aflição de ser água em meio à terra**
**E ter a face conturbada e móvel.**
**E a um só tempo múltipla e imóvel**

**Não saber se se ausenta ou se te espera.**
**Aflição de te amar, se te comove.**
**E sendo água, amor, querer ser terra.**
**(Aquela. Hilda Hilst)**

Maria Eliene Fernandes da Silva é graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará- UECE; cursou especialização em Ensino de Língua Portuguesa e mestrado em Linguística Aplicada pela UECE. Publicou, em 2016, pela Agbook, três livros: **Travessia**- micropontos-, **Murmúrios da Alma**- poema- e **Antologia Contos e Pontos** – organizadora.

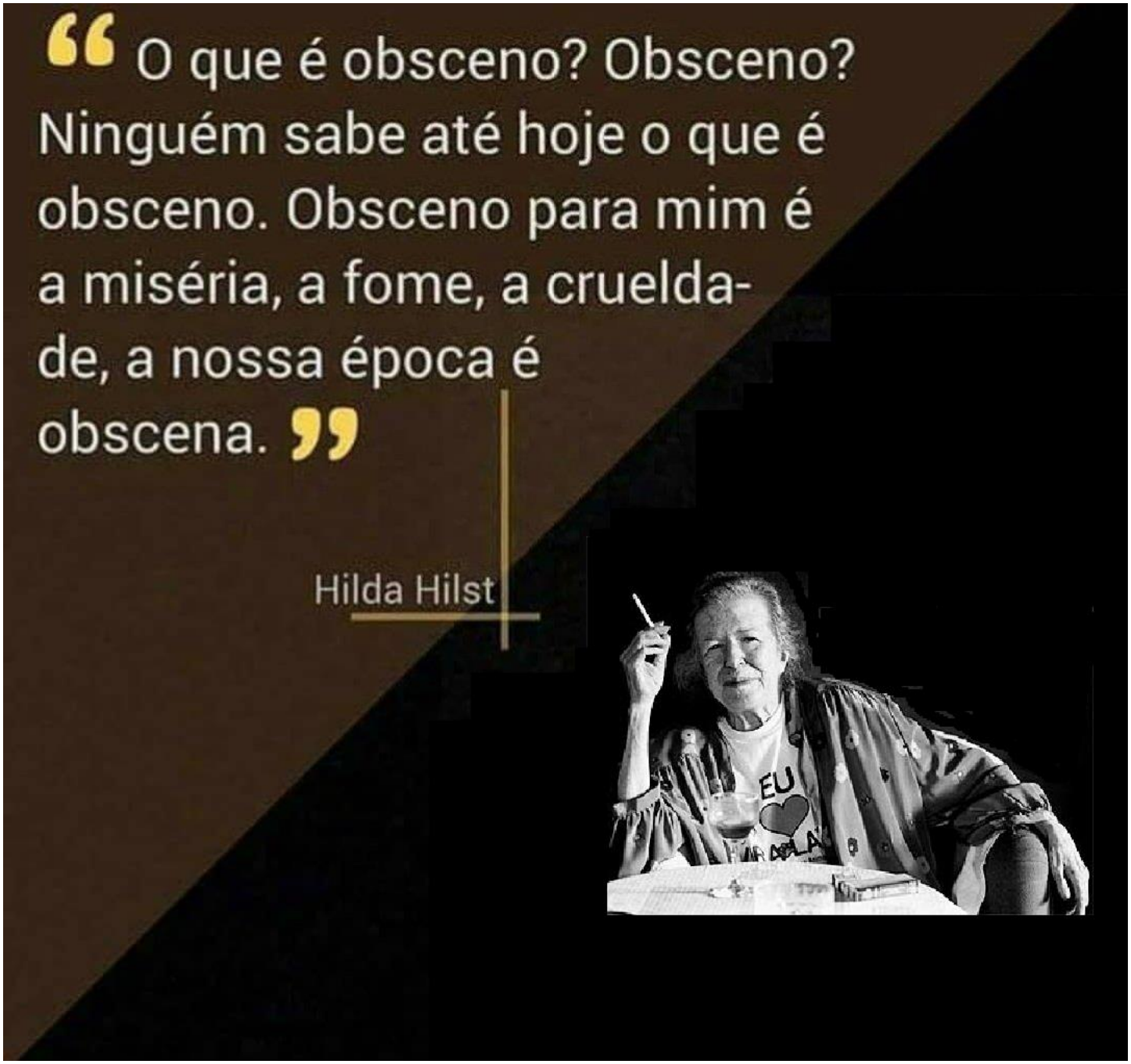



Foto: Reprodução

# O QUE É OBSCENO?

Texto de Lucirene Façanha

Hilda Hilst foi poeta, ficcionista, cronista, dramaturga. Provocadora, polêmica, questionadora, autora de prosa e poesia, a escritora ficou especialmente conhecida pelos seus versos apaixonados. homenageada na edição de 2018 da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). um processo de reconhecimento que começou a partir dos anos 2000

A biografia, *Eu e não a outra* – compilada por Luísa Destri Laura Filgueira, retrata uma Hilda que conhecia o dicionário de cor, como se relacionou com o trabalho mais tarde, a construção de sua própria imagem.

A Hilda Hilst venerada nos últimos anos, desconhecida quando viva, com os muitos porquês de seus enredos ou das escolhas por trás da construção formal de seus livros. Ao invés de estruturas para que seus livros fossem lidos, a escritora pleiteava que sua vida fosse vista através daquilo que escrevia. Costumava dizer que "queria que todas as emoções passassem por mim antes de me dedicar a escrever." Decidiu, assim que contribuiria para a literatura. Decidiu, acreditou, e viveu isso. Os elogios à qualidade dos seus escritos a entristeciam por vê-los nas prateleiras. Com o passar do tempo, passou a ser difícil, a ser ousada, livre, bajulada, a viver em estado de paixão já que envelhecia. "Meus poemas são citados, mas ninguém os compra".

*A casa do sol – o universo de Hilda* – disciplina de leitura e escrita diária, que abrigou artistas plásticos, poetas, físicos e inúmeras personalidades, além de seus grandes amigos, como Lygia Fagundes Telles, Caio Fernando Abreu e Olga Savary, é hoje o instituto Hilda Hilst.

***Testamento lírico***

*Se quiserem saber se pedi muito*
*Ou se nada pedi, nesta minha vida,*
*Saiba, senhor, que sempre me perdi*
*Na criança que fui, tão confundida.*
*À noite ouvia vozes e regressos.*
*A noite me falava sempre, sempre*
*Do possível de fábulas. De fadas.*
*O mundo na varanda. Céu aberto.*
*Castanheiras douradas. Meu espanto*
*Diante das muitas falas, das risadas.*
*Eu era uma criança delirante.*
*Nem soube defender-me das palavras.*
*Nem soube dizer das aflições, da mágoa*
*De não saber dizer coisas amantes.*
*O que vivia em mim sempre calava.*

*E não sou mais que a infância. Nem pretendo*
*Ser outra, comedida. Ah, se soubésseis!*
*Ter escolhido um mundo, este em que vivo,*
*Ter rituais e gestos e lembranças.*
*Viver secretamente. Em sigilo*
*Permanecer aquela, esquiva e dócil.*
*Querer deixar um testamento lírico*
*E escutar (apesar) entre as paredes*
*Um ruído inquietante de sorrisos*
*Uma boca de plumas, murmurante.*

*Nem sempre há de falar-vos um poeta.*
*E ainda que minha voz não seja ouvida*
*Um dentre vós, resguardará (por certo)*
*A criança que foi. Tão confundida.*

Lucirene Façanha é graduada em história com especialização em ensino. Participa de diversas coletâneas. Foi agraciada com os prêmios ideal clube, IFPB. Ebook na Amazon O Elo e Silêncio sobre o Algodão. Físicos: o homem na janela e hecatombe. Vice-Presidente da ACE (Assoc. Cearense de Escritores) participa dos grupos de leitura Conversa e CPLI. Articuladora do mulherio das letras

# RESENHA LITERÁRIA

# O LEGADO LITERÁRIO DE HILDA HILST

Texto de Néia Gava

Foto: Reprodução

A autora paulista, em muitos de seus escritos, deixou a frase “Não adianta ter importância e não ter ninguém para te olhar.” Com esses períodos frasais, Hilda mostra ao seu leitor que mais importa ser visto/conhecido que ser importante. E ela foi vista, lida e marcou a sua importância na literatura brasileira, sagrando-se como uma escritora da terceira geração modernista (ou melhor, pós-moderna).

Essa fase da literatura é marcada pelo contexto da Guerra Fria. Portanto, suas principais características são: crítica sociopolítica, metalinguagem, caráter realista, uso de palavras cotidianas, valorização do ritmo e do verso na poesia, importância da plurissignificação, entre tantos outros aspectos que marcaram esse período literário.

Assim, como Hilda Hilst produziu suas obras em diversos gêneros (lírico, narrativo, dramático), marcas pós-modernas podem ser observadas, categoricamente, em seus trabalhos, caracterizando sua versatilidade e contextualização de escrita, bem como a sua dinamicidade em transitar por gêneros e tipologias textuais, permitindo atrair uma diversidade de leitores.

Entre tantas obras, a que ganha destaque nesta resenha é Fluxo Floema, primeira prosa publicada pela autora (em 1970). Nela, constam cinco contos: Fluxo, Osmo, Lázaro, O Unicórnio, Floema. Além de representar uma análise reflexiva sobre a sua carreira, bem como sobre o seu processo criativo, o livro conta com técnicas rebuscadas, permitindo reflexões acerca da consciência. Em sua narração frenética pode ser observado um olhar com devaneios oníricos do pós-morte.

Neste ínterim, Hilda foi vista e lida. Tornou-se conhecida, marcou gerações. E deixou o seu legado literário registrado em memórias, histórias e acervos. A sua importância foi e será eternamente vista e valorizada.

Néia Gava é Especialista em Letras: Português e Literatura. Membro Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante (ALAVENI) - ES. Membro atuante do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta-ES. Escreve poesias, crônicas, contos e artigos de opinião para o Portal de Notícias Da Hora ES. *Revisora de textos (livros, trabalhos acadêmicos, artigos, entre outros).*

# MÍSTICA PERSONALIDADE

**Texto de José Roberto Morais**

Hilda de Almeida Prado
Hilst, lá em Jaú nasceu
Tem seu nome resguardado
Pois bons livros, escreveu
Foi poetisa e cronista
No drama ficcionista
Uma ótima escritora
Construiu mundos diversos
Na composição dos versos
Satírica trovadora.

De “Presságio” intitulado
Primeira obra instigante
Cada livro publicado
Surpreendia bastante
Da crônica a poesia
Ficção e dramaturgia
Rompe o bom tom literário
Em “Trovas de muito amor”
As “Cartas de um sedutor”
Erótico vocabulário.

Suas peças teatrais
De singular produção
Defende seus ideais
Destaque da Geração
Transmite conhecimento
Transgressor temperamento
Às de criatividade
Falando do misticismo
Amor, morte e erotismo
Mística personalidade.

**José Roberto Morais** - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Membro fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC), cadeira nº 09; e da Academia de Letras do Brasil (ALB/Seccional Regional Araripe CE), cadeira nº 22. É sócio efetivo da Sociedade dos Poetas de Araripe (SPA), cadeira nº 13. E-mail: joserobertos2013@gmail.com

# MOREIRICES PELO BOSQUE

**Texto de Ivan Melo**

## Relatos colhidos nos bancos do Campus da UFC.

Ao amigo leitor, faço uma prévia advertência: esse texto não possui pretensões teóricas ou a intenção de explicar uma obra literária. Trata-se de uma prosa informal, tal qual uma conversa num banco de praça, um registro de memórias, de fatos, curiosidades e algumas particularidades típicas dos gênios, que neste caso será o mestre do conto cearense, o escritor Moreira Campos.

Essas memórias, resolvi chamá-las de ***Moreirices.*** Poderia chamá-las, também, de ***Moreirices pelo bosque*****,** visto que a maioria delas colhi no bosque de Letras do campus da UFC – Universidade Federal do Ceará.

Bosque Moreira Campos (UFC)

## O começo de tudo

Ao concluir o ensino médio, frequentei um curso de escrita na UFC. Meus professores eram os escritores **Rinaldo de Fernandes e Nélson Barros**. Foi a primeira vez que vi de perto um escritor.

Naquele curso, descobri muitos autores que desconhecia. Com o incentivo dos mestres, li desesperadamente durante dois meses. Li quase tudo de Graciliano e Machado de Assis, mas li principalmente os contistas, os preferidos daqueles professores. Tchekóv, Maupassant, Dalton Trevisan, Murilo Rubião, Caio Porfírio Carneiro, Moreira Campos e outros.

Fiquei alegre em saber que os dois últimos citados eram cearenses e estavam vivos. Caio Porfírio não vivia aqui no Ceará e por muito tempo o considerei uma espécie de entidade, uma lenda do qual apenas se “ouvía falar”, mas que de fato ninguém via. Já o Moreira Campos não, ele era humano e até disseram que poderia ser encontrado ali por perto, no campus da Universidade.

**Foto: Reprodução**

# Moreirices pelo bosque

1. Era início dos anos 1990 – esse detalhe me avisa que a velhice me bate à porta – tempo do movimento estudantil, das greves gerais. Eu era diretor do Centro Acadêmico de Letras da UECE, conhecia pessoas na Universidade Federal (UFC) e transitava bastante pelo campus daquela universidade. Às vezes, claro, por mera falta do que fazer. Vez ou outra, tirava a tarde entre livros na antiga biblioteca Dollor Barreira.

Algumas vezes, pelo campus, dei de cara com um senhor já idoso que atraía a atenção dos jovens alunos de letras. Era o escritor Moreira Campos. No final ou no intervalo das aulas, os alunos ficavam ali pelos bancos confabulando com o mestre já aposentado. Curioso, eu ficava ouvindo-os do banco vizinho. Não os conhecia, mas até chegava a ficar entre eles. Depois, passei a chegar mais cedo, já preparado, com um livro do homem na bolsa. As conversas pareciam aulas, só que bem melhores, espontâneas e ao ar livre.

Um dia, ouvi um buzinaço nos arredores da universidade. Trânsito lento, motoristas nervosos. Lá na frente, um charmoso fusca verde dirigido por um senhor idoso, de paletó, sério e alheio à

barulheira. Fumava e movia-se a uma velocidade de no máximo 20 km por hora. Perguntei ao rapaz da lanchonete se era o Moreira Campos. Ele confirmou: “Sim, é o professor. É sempre assim”.

Àquela altura, o fusca do escritor era também uma atração no campus.

2. Consegui assistir a duas de suas concorridas palestras, que ocorriam às quartas-feiras, no auditório da Faculdade de Letras. Tive a oportunidade de ouvir um pouco da genialidade daquele escritor. Não apenas teoria ou história literária, mas principalmente confidências, opiniões e impressões sobre assuntos diversos. Sobre detalhes do cotidiano que somente o olhar aguçado de um grande escritor é capaz de perceber.

3. Ele tragava um cigarro fino e comprido da marca “Charm” – jamais fumava outra marca. Indagado sobre o vício, disse ele que fumava desde menino e desde menino ouvia recomendação para parar de fumar, ouvia dos males que o cigarro lhe causaria, que morreria cedo por causa do vício etc. Disse que já passava dos oitenta e por isso não via mais sentido ou justificativa para largar o cigarro.

4. Moreira Campos contestava as piadas que tratavam os portugueses como pessoas burras. Aliás, ele os considerava os mais inteligentes do mundo e defendia que em verdade foram eles que fizeram todo mundo de burro. Completava: burro foi quem acreditou que os portugueses chegaram aqui por acaso, que eles confundiram a rota das Índias com a do Brasil por causa de uma bússola com ponteiro quebrado.

Havia, porém, quem dissesse que ele defendia essa tese em respeito ao pai, que era um português.

5**.** Outra das *“Moreirices”* que preciso destacar foi a forma que o autor revelou utilizar para identificar um cearense. Disse ele que, em suas andanças, era nos banheiros das rodoviárias que ele reconhecia um conterrâneo. Era pela forma como um cidadão lavava o rosto que ele identificava sua origem cearense.

Segundo o escritor, o cearense é o único homem do mundo que lava o rosto com apenas uma das mãos. Uma mão segura a torneira ou a lata d’água, enquanto a outra leva a água ao rosto. Ele garantiu que nunca errou. Por conta disso, ainda hoje observo a forma como pessoas do meu entorno lavam o rosto.

6. Em outra palestra, Moreira Campos falou de suas referências, os grandes contistas universais. Ele tinha paixão por Machado de Assis, sua predileção e referência maior, apesar de seus contos serem muito longos. Nesse gênero, Guy de Maupassant e Tchekov eram suas influências. Os primeiros textos de Moreira Campos eram mais extensos, a exemplo dos escritos do contista francês. Depois, foram se tornando cada vez menores, amoldando-se aos escritos de Tchekov. Era com este que o contista cearense se identificava.

Moreira Campos disse, em sua fala, ter muita vontade de escrever um romance, mas não conseguia conter a pressa para contar a história e também não tinha fôlego para uma narrativa longa como um romance.

7. Para Rachel de Queiroz, Moreira Campos era como se já tivesse nascido com 20 anos na carreira literária. Ela assim finalizava um famoso artigo: *“O artesão das frases. O manejador felicíssimo da língua. Como escreve bem o moço Moreira Campos”.*

É com as belas palavras de Rachel de Queiroz que encerro essas *moreirices*, minha homenagem ao escritor e contista maior da Literatura Cearense.

A todos, uma boa leitura.

Ivan Melo - é cearense, mestre em Letras, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e professor de língua portuguesa e literatura. Está sempre mergulhado em alguma leitura e. Arrisca-se a escrever suas próprias histórias. Seus contos e crônicas já venceram alguns prêmios literários, como o Prêmio Unifor de Literatura e o da AJEB Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil). Atualmente, diverte-se escrevendo esporadicamente em seu blog **“A vida é crônica”:** www.avidaecronica.com.br

# MOREIRA CAMPOS, O CONTISTA

**Texto de Elaine Meireles**

Ao comentar sobre Moreira Campos e sua obra é de bom tom que se conheça um pouco o gênero literário no qual o escritor cearense era especialista: o conto. Faremos, então, um giro nas origens, primeiras manifestações, maturidade e boom dessa narrativa. Em seguida, comentaremos as principais características literárias do escritor cearense.

De origem medieval, com transmissão oral, o conto tem inspiração nas Novelas de Cavalaria. Apesar de ambos serem populares e aceitos pela classe intelectual, não eram considerados categoria literária de primeira qualidade, não atingindo, portanto, o status da *Poesia Lírica* ou da *Poesia Épica* ou da *Poesia Dramática*, eleitas como requinte literário.

Até então, textos literários escritos em verso eram preferencialmente considerados preciosos e belos, sendo a prosa, um gênero desqualificado por autores clássicos. Com o surgimento da Estética Artística do Romantismo, no final do século XVIII e início do século XIX, a Inglaterra (*Ivanhoé*, de Walter Scott), França (*Os miseráveis*, de Victor Hugo) e Alemanha (*O sofrimento do jovem Werther*, de Goethe) impõem novos padrões, ditam regras inovadoras, modificam a filosofia e comportamento em voga, fixando definitivamente as manifestações da prosa de ficção no painel literário mundial.

No Brasil, romances do Romantismo eram publicados em capítulos nos principais jornais do país, e somente depois eram impressos em livros. A estrutura das prosas de ficção era composta em parágrafos (diálogos, palavras, frases, períodos) e nestes circulavam personagens com valores morais da burguesia que desempenhavam ações desenroladas em ambientes descritos por um narrador e/ou personagem. Essa nova estrutura narrativa (romance) logo cai no gosto de nossa sociedade, que cria um público leitor, composto por jovens acadêmicos, jornalistas e donzelas que suspiram pelos heróis fabricados por autores românticos, como Teixeira e Sousa (*O filho do pescador*), Joaquim Manuel de Macedo (*A Moreninha*), Jose de Alencar (*Senhora*), Bernardo Guimarães (*A escrava Isaura*), Visconde de Taunay (*Inocência*), entre outros.

Ao lado do romance romântico se fixa o conto, com estrutura narrativa similar, em miniatura. Inicialmente as regras do conto eram voltadas para a quantidade de palavras, páginas, uma única ação e poucos personagens. Contudo, escritores realistas, naturalistas, pré-modernistas, modernistas, pós-modernistas passam a lidar com maestria a forma e o conteúdo do conto, revolucionando conceito, estrutura (interna e externa) e atingindo a maturidade na contemporaneidade. No Brasil, por vezes, a prosa de ficção é produzida, concomitantemente, por romancistas e contistas. Adotaram o conto como produção literária, Machado de Assis (*A cartomante*), Monteiro Lobato (*Negrinha*), Lima Barreto (*A Nova California*), Lygia Fagundes Telles (*A Caçada*), Clarice Lispector (*Feliz Aniversário*), Graciliano Ramos (*A Baleia*), Mário de Andrade (*Peru de Natal*), Adélia Prado (*Sem enfeite nenhum*) e tantos outros.

Alguns dos nossos escritores brasileiros foram bons romancistas quanto bons contistas. O que não é uma tarefa fácil. Poucos obtiveram tamanha façanha intelectual e Machado de Assis é um desses. No entanto, a crítica reconhece que alguns bons contistas, também poderiam ser bons romancistas. E neste caso, inclui-se José Maria Moreira Campos. De fato, o escritor cearense tornou-se um discípulo tão bom quanto seu mestre contista, Joaquim Maria de Machado de Assis, mas não quis entrar na seara do romance. Raquel de Queiroz afirma que Moreira Campos era um dos poucos prosadores no Brasil que sabia aproveitar de forma equilibrada o uso da língua portuguesa, tornando o texto belo e fugindo da vulgaridade dos efeitos fáceis. Antônio Houaiss assegura que o contista cearense com sua temática e linguagem convence o leitor "*com a rapidez desejável, graças à seleção feliz dos toques de descrição, de caracterização, de situação, de localização*". Acrescenta Guimaraes

Rosa que ele, Moreira Campos, era "*Bom pela essência, pela verdade, pelo que é, pelo estilo, conivente, claro, gostoso*". Por fim, Artur Eduardo Benevides, "O Principe dos Poetas Cearenses", profere que Moreira Campos "*apega-se somente ao essencial, com uma visão de mundo, que mede de maneira abrangente os seres e as coisas, as circunstancias e os eventos, o tempo e o espaço, o cotidiano e o eterno, extraindo deles a matéria prima com que projeta o seu neorrealismo*".

Foto: Reprodução

Moreira Campos, em seus contos, dispensa digressões ou mesmo estórias paralelas, enxuga as descrições de ambientes, reduz personagens em narrativas de identidade regional e universal, em uma dimensão social e cultural do Nordeste. A estrutura de seus contos é orquestrada por ações, com efeitos de antecipação, suspense, surpresa, desfecho e solução do conflito posto. Seus contos de temáticas conflitantes, repleta de angústias e perversões, são dotados de concisão, personagens bem construídos, textos curtos e narrativas que conduzem o leitor a ir além do dito. A linguagem deste contista é clara, com termos simples enriquecida de detalhes, o que caracteriza seu humanismo realista.

Traduzido em várias línguas, entre elas o alemão, francês, hebraico, italiano, espanhol, inglês, em 06 de janeiro de 2024, o autor de "*Dizem que os cães veem coisas*", completaria 110 anos. Em "*Dizem que os cães veem coisas*", último livro de Moreira Campos, publicado em 1997 pela Edições UFC, é composto de 24 contos, selecionados pelo próprio autor, dos quais dois ou três são inéditos e os demais já publicados anteriormente.

**Elaine Meireles** – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, escritora, pesquisadora, professora da Universidade Aberta do Brasil (UFC/IFCE). Livros, Apostilas e Artigos publicados na área de Literatura, Crítica e Teoria Literária. Responsável pelo Curso de Criação e Prosa de Ficção; Mosaico Cultural e Literário. Autora do blogger Lampião Literário. Contato: ponchetart1@gmail.com

# CRÔNICA PARA RELEMBRAR E NUNCA ESQUECER O BENFICA DE MOREIRA CAMPOS

**Texto de Túlio Monteiro**

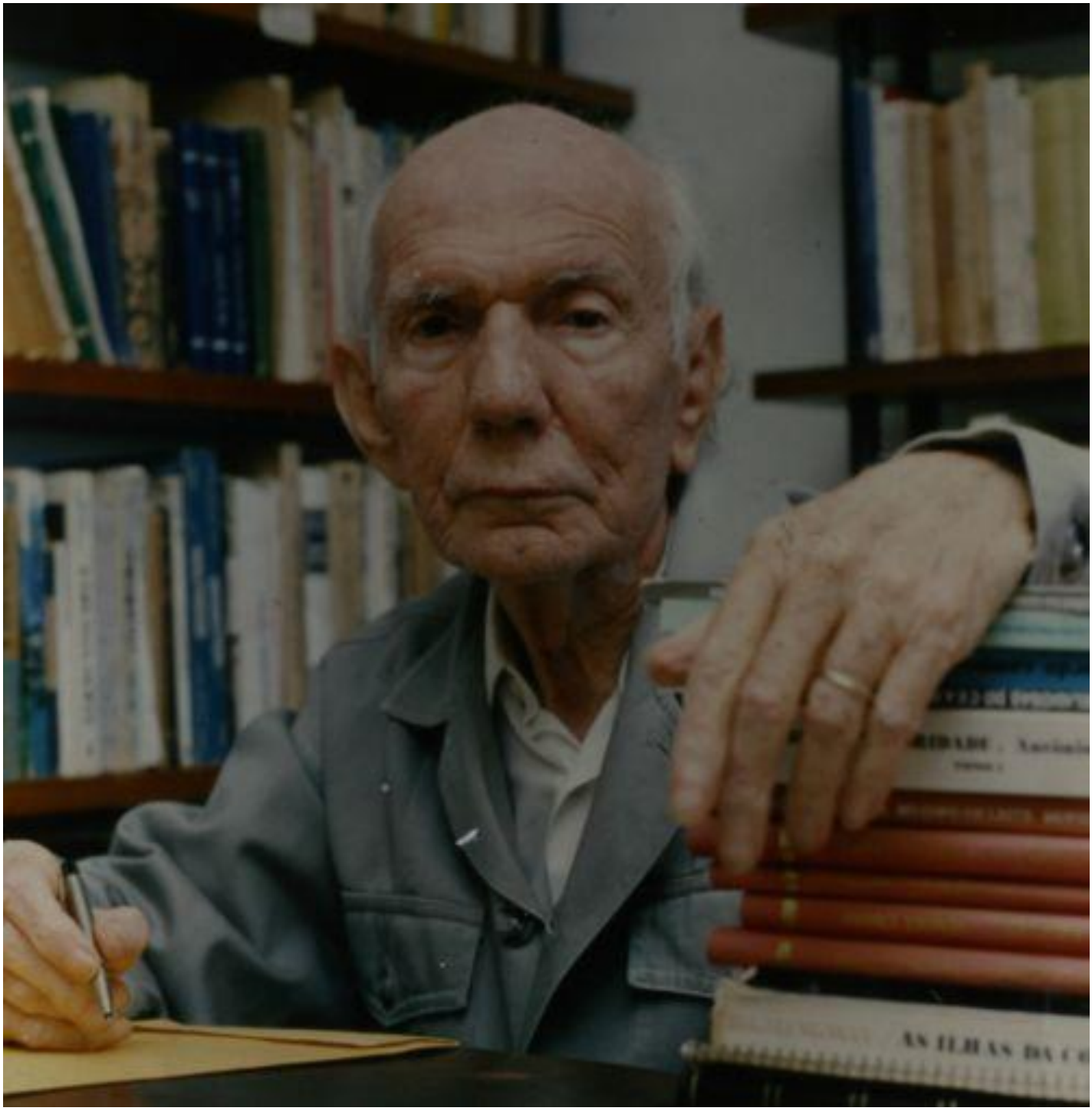


**Foto: Reprodução**

“Quero amadurecer te vendo igual aos tempos de um antigo e grande **Amor**. Não por teimosia do velho chato que certamente serei, mas por conhecer, como outros poucos felizardos seres que te habitam, habitaram e habitarão, certos segredos de tua geografia e história.”

Manhã dessas da vida resolvi flanar pelas ruas com e sem saída da velha Gentilândia, fundida em tempos mais atuais ao bucólico **Benfica**, bairro boêmio e intelectual, reduto último de tempos passados, casas de um só andar, nada de prédios arranhando céus absolutamente limpos de barulhos ou nuvens de fumaças gris.

Sim! Apesar da proximidade geográfica que o **Benfica** guarda em relação ao abandonado Centro da cidade de Fortaleza, nada lhe afeta a maciez do tempo, onde relógios preguiçosos marcam seus dias, noites e madrugadas. Domingo, então, nada mais ameno e tranquilizante que apreciar, sem pressa de chegar a lugar nenhum, fachadas de aquietantes casas, árvores, bem-te-vis, rolinhas-cascavéis, pardais e, com uma certa dose de sorte, o singrante gavião que habita as altas copas das mangueiras do **Bosque de Letras da Universidade Federal do Ceará**. Será ele o antigo morador das paragens dos meus tempos de acadêmico? – Trinta e tantos anos passados – ou se tratará de um seu descendente, geração póstera daquelas velhas asas caçadoras?

Em uma certa noite boêmia, pelas auroras do Benfica, lançaram-me aos ouvidos uma daquelas indeléveis frases que costumam nos acompanhar por toda a Vida: “Morar no Benfica é simplesmente residir, ou é habitar um profundo estado de espírito? Respondo: É necessário se ir até lá ao amanhecer de um final de semana, deixando-se deslizar preguiçoso e atento por entre as barracas da feira livre, a sentir, um a um, os extratos, cheiros emanados das frutas, verduras e afins expostos nas bancas de madeira crua que, de tão velhas, certamente guardam histórias de décadas e décadas de sol, chuvas, noites, sorrisos, suores e saudades. Chuvas que no Benfica, quando caem, se tornam cheiro de Amor, Vida e pena de morrer.

Ventos quentes de verão não têm vez por aquelas bandas. Sombras de altas castanholeiras e imponentes benjamins amenizam a sede física e espiritual dos amigos por lá cultivados – gerações e gerações deles. Mesinhas de bares tranquilos, cervejas geladas nos copos, músicas na altura certa e de bom gosto para amenizar as dores de amores idos e já quase esquecidos.

Agora, enquanto narro esta crônica, confidencio-te silenciosas palavras de carinho e estima, Benfica do meu bem querer: – Que a Saudade de tua calma estrutura nunca se torne verdade em ralação às sábias palavras do eterno Mestre **Sânzio de Azevedo**, que certa vez me disse: “Quando um homem perceber mudanças nas ruas pelas quais há tempos caminha, ou começar a recordar-se de coisas que não mais existem, estará ele se tornando velho...e sábio! ”.

Quero amadurecer te vendo igual aos tempos de um antigo e grande **Amor**. Não por teimosia do velho chato que certamente serei, mas por conhecer, como outros poucos felizardos seres que te habitam, habitaram e habitarão, certos segredos de tua geografia e história.

Ante essa pseudomodernidade, meu Benfica das quintas de Epicuro, só me resta te sonhar tempos melhores, onde a silenciosa revolta de teus legítimos moradores e a história desse Ceará sem memória se encarreguem de dar conta dos dias que hão de ceifar as asas capitalistas que hoje negramente sobrevoam teus casarios desguarnecidos!

(Para Maria G. Monteiro)

**Túlio Monteiro** – Escritor, Professor, biógrafo, historiador e crítico literário.Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Grau de Especialização em Literatura e Investigação Literária, também pela Universidade Federal do Ceará – UFC, com a monografia: **Intertextualidade e Fluxo da Consciência na Obra de Graciliano Ramos –** Orientadora: Professora Doutora Vera Lúcia Albuquerque de Moraes.

# A ETERNIDADE AMOROSA, REPISADA NA LITERATURA DOS MESTRES: MACHADO DE ASSIS, MOREIRA CAMPOS, VINÍCIUS E PEDRO LIRA

Texto de Alves Andrade

Foto: Divulgação

Ontem estive lendo pela centésima vez (estou hiperbólico) a desafortunada vida amorosa de Deolindo Venta Grande, personagem do conto Noite de Almirante de Machado de Assis (este era, é e será sempre O CARA). Nesse conto, Deolindo, trabalhador embarcado de um navio, em terra, se apaixona por Genoveva (também conheci uma na adolescência, e a história não foi muito diferente. rsrs). O amor foi tão avassalador que os dois pensaram em morar juntos. Deolindo abandonaria a embarcação e ancoraria sua vida à de Genoveva, uns lócus amoenus, numa aurea mediocritas. Se não fosse a velha Inácia, espécie de tia da moça, eles teriam feito besteira. Deolindo precisava trabalhar, e no dia do embarque, choro, tristeza, juras e muitas juras: ambos juraram amor eterno. Como se Cupido fosse preguiçoso. Dez meses depois, ele retornou para o seio de Genoveva, "colozinho de Genoveva". Trazia-lhe um mimo, um lindo par de brincos, comprado com as economias e trazia-lhe o corpo casto, embora não fossem poucas as tentações. Anos depois João Guimarães Rosa definiria Jó Joaquim, personagem de Desenredo, assim: "bom como o cheiro da cerveja". Era assim Deolindo. Bom e querido por todos.

Quando Venta Grande se aproximava da casa de Genoveva, deve ter estranhado a ausência da moça à janela. Era assim que deveria ser. A musa esperando melancólica seu poeta, como bem mais tarde Wando assinalaria em "A Menina e o Poeta", imortalizada na voz de Roberto Carlos. Mas nada. Estava tudo fechado. Quando Dona Inácia veio abrir a porta, Deolindo nem a cumprimentou, perguntou ansioso pela amada. O chão afundou, com o peso do marinheiro ao saber ele que a moça havia se amancebado com o mascate. A polidez machadiana jamais permitiria o uso desse termo, mas

peço licença para utilizá-lo. Amancebou-se Genoveva com o mascate. Pode?! Deolindo de endereço na cabeça saiu, pisando firme, imaginando a faca vingadora ensanguentada. Ia tão desapercebido em seus devaneios vingativos que nem percebeu Genoveva, à janela. Diante da moça, não sabia o que fazer, ela era espontânea, interrogativa, feliz com vê-lo. Não tinha o peso da vergonha culposa sobre os ombros. Até porque nada tinha feito nada para isso. Era inocente, quase anjo, sem mácula. Desarmado, Venta Grande balbuciava e respondia às perguntas da moça a respeito das viagens.... Até que chegou o solene momento em que o mestre da Literatura e do conto manipula Deolindo à pergunta que não pode calar: e a jura! Você não jurou amor eterno! Então não era verdade? Claro que era! Quando jurei era verdade!

Moreira Campos, em seu impagável “Dizem que os cães veem coisas”, traz um conto denominado A CARTA. Esses contos traz a história de um casal próximo ao enlace matrimonial. Tendo o noivo que assumir a gerência do banco no interior, distanciou-se da amada. E como o trabalho exigia que permanecesse no interior durante os finais de semana, ele pedia ao amigo, que vinha para a capital nesses dias, que entregasse à noiva uma carta em que contava de suas ocupações e, claro, de suas saudades. Na primeira vez, o encontro foi rápido. Boa tarde, entrega a carta e vai. A moça da mesma forma, cumprimenta o amigo do noivo, recebe a carta e muito obrigado. As semanas passam e o colóquio torna-se um pouco mais longo. Uma anedota, risos e aceita um café. Até que um dia, ela se demora no espelho quando a mãe lhe visa da visita. Cumprimentos, Boa tarde. Aceita um café. Uma pilhéria. E ele se vai esquecendo de entregar a carta.

Foi isso que aconteceu com Genoveva. Aparece o mascate e o resto vocês já sabem alguém duvida da honestidade de Genoveva? Claro que não. É assim o amor. São dois mestres da poesia que bem definem a eternidade amorosa. O primeiro é Vinícius de Morais:

“Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito, enquanto dure!

O outro é Pedro Lira:

“.... Isso já estava morto e martelava
Por hábito por vício ou por capricho
(...)
Quem trai faz um favor, derrete o nó
E segue a natureza por que aquilo
Não era mais amor, era insistência”

Eis o quanto dura a eternidade amorosa: um nada. Ou uma vida inteira. O tempo é com certeza o maior inimigo dos juramentos amorosos. Na presença ou não de um padre, ou de Deus. Mas é isso a eternidade, é enquanto ela dura. Um amor pode durar uma noite, uma semana, uma vida. O importante é aproveitá-lo sem se preocupar quando ele vai se esvair.

Deolindo foi fiel, não se envolveu com nenhuma mulher nas suas andanças. Genoveva também. Só que Genoveva devido à sua condição feminina estava parada, sonhando, pensando no amante. Aí veio o mascate. Papo vai papo vem...

O certo é que o marujo não matou nem se matou, pois, a vida continua. É certo também que na próxima viagem ele terá mais olhos para as suecas, dinamarquesas, africanas.

**Alves Andrade** é graduado em Letras pela UECE. Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

# MOREIRA CAMPOS, UM ENCANTADOR!

**Texto de Adriano Sousa**

Não posso me reportar a um passado que não vivi. Ninguém pode. O escritor Moreira Campos concluiu sua missão na terra em 1994, quando eu era apenas uma criança de oito anos. No entanto, posso me reportar ao ano de 2014, quando já professor de língua portuguesa e literatura, comemoramos o centenário do poeta. Foi um ano devotado unicamente às leituras das obras do cearense José Maria Moreira Campos.

Moreira Campos era poeta conhecido e reconhecido na capital cearense, nos grandes centros urbanos, mas por aqui, pelo sertão, pelo interior, era nome novo. Ninguém o conhecia, ninguém se reportava a nada quando o seu nome era mencionado. Parecia ser um grande desafio fazer com que o seu nome e sua obra ficassem íntimos dos estudantes (e até dos professores) da Escola Neomísia Nogueira Lima.

Assim seria, se a obra não fosse de tão bom gosto. Se sua sabedoria e se seu traquejo na escrita não fossem encantadores. Sua escrita tem a leveza da infância e a seriedade da maturidade. Esse contraste atrai, envolve, encanta. Era um gênio!

Um gênio que não foi aclamado por mim, mas pelas instituições que o premiou e o reconheceu durante a sua vida. Certamente reconheceram na sua obra o sarcasmo velado; uma forma inteligente de reclamar sem ser deselegante.

A descrição da casa da “tia de minha mulher” está nos versos do poema “A Visita” e preenchem quase todo o poema, mas a mensagem é outra. Seu saudosismo nunca está explícito. Isso tudo porque não era um poeta menor que apenas escreve para matar o tempo. Mas era um poeta de altíssimo bom gosto e, diante do que temos, podemos chamá-lo de genial.

Encantado com o poema “Registro Civil”, pela sutileza com que ele agradece a sua mãe pela proteção, mas reforça o quão trabalhoso e caro foi reparar o mal feito dela, detenho ainda na memória. Certamente, a proeza foi das muitas repetições feitas em sala de aula para que os alunos se encantassem, como eu estava encantado com aquela obra que pouco a pouco se descortinava sobre os meus olhos. Desde então, Moreira Campos jamais se deixou esquecer por aqui.

Findamos 2014 com um momento memorável alusivo ao centenário do renomado escritor Moreira Campos. A importância maior de tudo isso é saber que com essa oportunidade tanta gente conheceu e admirou um grande homem, um grande contista, um grande poeta... um cearense que se dedicou à escrita literária e não a fez sem conhecimento ou sem lhe dar a devida importância, pois sua obra orgulha o Ceará nos meios onde chega. Orgulha porque encanta!

**Adriano Sousa** – Poeta, cordelista e escritor. Natural de Altaneira-CE. Graduado em Letras pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Membro fundador e atual Presidente da Academia de Letras do Brasil - ALB/ Secional Regional Araripe-CE, cadeira nº 02. Membro do Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC), cadeira nº 51. E-mail: poetadriano@hotmail.com

# CONTOS DE MOREIRA CAMPOS

Texto de Luiza Pontes

Naquele final de tarde, na mesa de estudos, deparei-me com alguns contos de Moreira Campos e percebi algo que os unia: o conflito social. Os contos estavam impressos e colocados na mesa de estudos, faziam parte da coletânea de contos intitulada *Dizem que os cães veem coisas*, numa terceira edição, publicada pela Editora Maltese, no ano de 1995, que guardo com muito carinho na prateleira de autores cearenses.

Senti necessidade de mergulhar no enredo de alguns contos do autor e fazer algumas reflexões para o final da tarde. Pareceu uma ótima pedida. Moreira Campos sempre me fascinou, desde o período em que frequentava a Academia da Incerteza, nas tardes de sábado, mais precisamente nos bancos do jardim da Casa da Cultura Alemã, onde confabulávamos escritos e reflexões e o autor sempre foi muito bem referenciado em nossos encontros. Tempos saudosistas que me encantaram

O relógio da parede anunciava 17 horas e quinze minutos. Havia um grande silêncio. Acendo a luz da luminária azul e, ao mesmo tempo em que folheio as folhas avulsas, preparo um café expresso para tomar lentamente. Logo de início, foco três títulos bem interessantes, enaltecendo o estilo do autor: no começo, desenvolvia contos longos e, no decorrer dos anos, concretizou contos curtos. É interessante, notar que a temática da morte é um tema bastante atuante nos escritos de Moreira Campos. Isso reforça e engrandece o estilo do autor, proporcionando, assim, algumas vertentes sociais, como o agricultor que humildemente vende suas bananas e é preso, diferenciando da classe social do filho do juiz; a senhora humilde que, mesmo doente, cuida de um casal de meninos que são primos, e por último a relembrança de três irmãs que viviam financeiramente muito bem num casarão e, após a morte delas, o casarão é demolido numa poeira antiga e densa.

Ao comparar os contos “O Preso” com “Os Meninos” e também com o “As Três Irmãs”, todos possuem um viés social bem instigante, senão vejamos: No conto O Preso, Inácio somente foi preso porque feriu o filho do juiz. Foi preso e, apesar de pedir para não o prenderem, enforca-se com o próprio cabresto do seu jumento que estava amarrado na praça, onde colocava o caçuá para vender as bananas na feira. No conto Os Meninos, vamos nos deparar com uma senhora que sofria da mesentérica e vivia em condições simplórias, esvaindo-se, rodeada de moscas.

Já no conto As Três Irmãs, vemos três irmãs, Matilda, Felipa e Catarina, solteironas, velhas, que moraram num antigo casarão. Com boa condição financeira, tocavam piano, declamavam autores franceses e a mais vela, era pintora. Após suas mortes naturais, ocorridas seguidamente – uma na segunda, outra na terça e a terceira, na quarta –, os herdeiros decidiram que o casarão iria se transformar num estacionamento.

Ler os contos e compará-los foi uma terapia para esse final de tarde. Guardo os papéis e separo os três contos que foram rapidamente lidos e referendados. Olho por alguns instantes para um porta-retratos que está colocado no canto da mesa, um retrato em preto e branco, no tamanho 10 cm x 15 cm, que guardo com carinho. Fecho o livro, guardo-o na prateleira e acabo de tomar o café que retiro lentamente da cafeteira.

Ler, escrever e tomar café são atitudes sutis e bastante inovadoras que me fizeram voltar a um passado distante e, ao mesmo tempo, presentes em minhas memórias e reminiscências. Tempos que nos marcam com boas e saudosas lembranças dos que se foram fisicamente, mas espiritualmente, estão presentes e atuantes nos meus alfarrábios.

**Luiza Pontes** é professora, contista, poetisa, pesquisadora, atriz e diretora teatral. Graduada em Letras e Especialista em Pesquisa Científica pela UECE. Mestre em Educação, pela ACU.

# COBIÇA

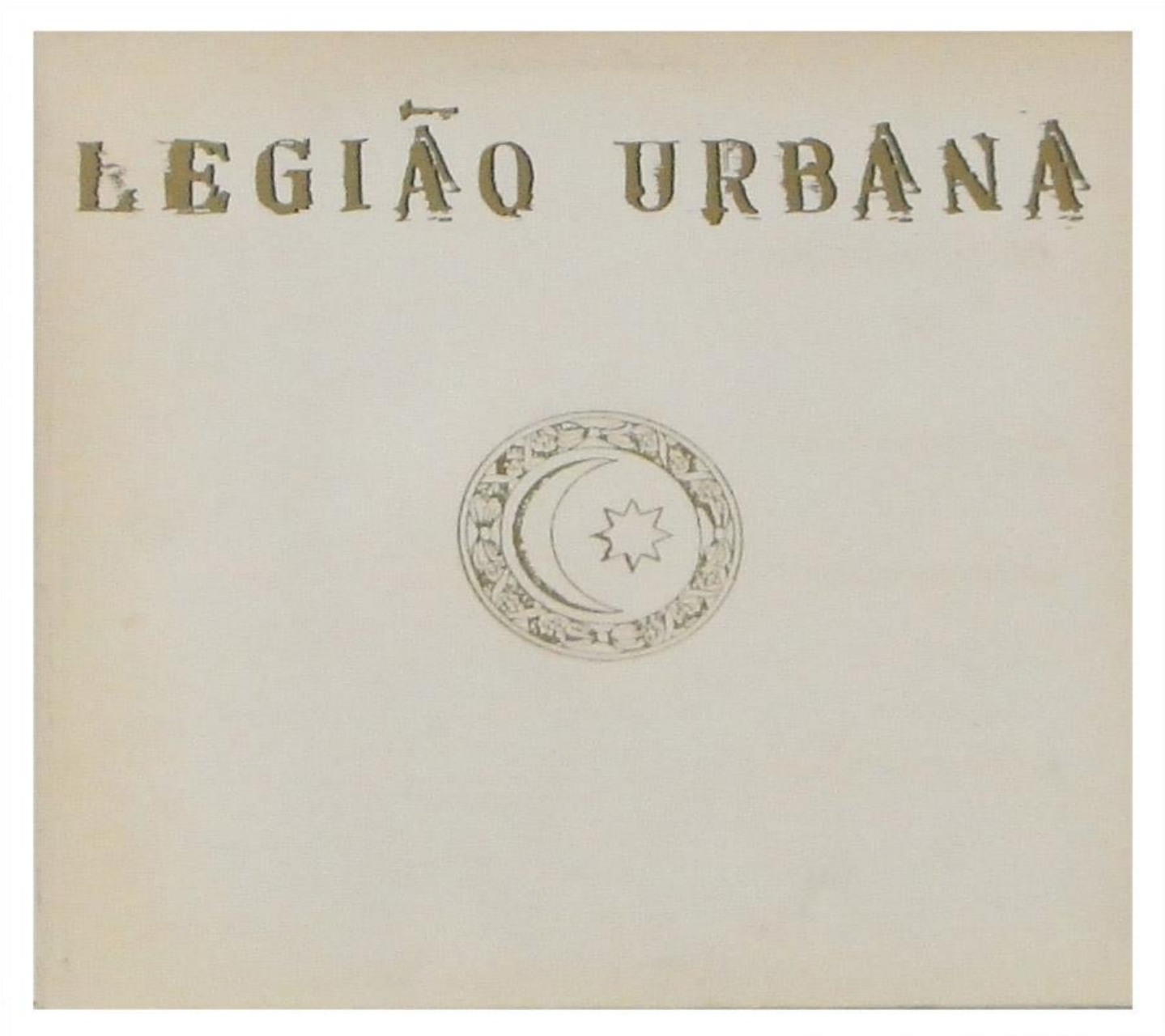
Texto de Guethner Gadelha Wirtzbiki

O olhar inquieto da donzela
Estava a contemplar a bela estrela,
Numa busca ingênua por entendê-la.
No cosmo, estampada em negra tela
Pintada no céu por trás da capela,
No alto da torre, subia a vê-la.
Querendo muito em seu íntimo tê-la,
Mas o cosmo a essa vontade debela,
Pois o real motivo em querer sê-la
Era roubar seu brilho para ela.

Guethner Gadelha Wirtzbiki é escritor teuto-brasileiro, nascido em Fortaleza, Ceará, em 08/03/1981. Graduado em Negócios Imobiliários, é autor de 4 livros: ¨A Saga de Franz¨, ¨O Céu dos Poetas¨, ¨Iracema em Cordel¨ e ¨Wirtzbiki: da Prússia ao Ceará¨. Publicou mais de 20 Cordéis com o pseudônimo ¨Gadelha do Cordel¨, além de vários trabalhos em antologias, coletâneas e revistas literárias.

# A LEGIÃO URBANA E O TEATRO DOS VAMPIROS

**Texto de Marcondes Jamacaru**




V é o quinto álbum da banda brasileira de rock Legião Urbana, lançado em 15 de dezembro de 1991 pela EMI.

Era o início dos anos noventa. Ao mesmo tempo que Renato Russo descobria ser portador do vírus HIV, a banda sofria com as consequências do confisco promovido por Fernando Collor de Mello logo após sua posse.

A pré-produção do quinto álbum da Legião Urbana se deu assim, em meio a incertezas, descrenças e total falta de esperança. Dez faixas compõem o disco, mas neste artigo iremos priorizar a música “O Teatro dos Vampiros”, composta por Dado Villa-Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá.

Algumas letras são extensas: com quase doze minutos, “Metal contra as nuvens” encontra-se dividida em quatro partes; “A Montanha mágica” tem 43 versos e cerca de oito minutos. Boa parte dessas canções são sombrias e tristes: “Os meus amigos todos estão procurando emprego”, canta Renato Russo em “O Teatro dos Vampiros”. Como consequência, o disco da Legião Urbana recebeu o rótulo de rock progressivo.

Em entrevista a Zeca Camargo para a MTV, em 1993, o vocalista da Legião disse que “O que a gente quis passar para o **V** era um tédio e um marasmo. Aquele disco foi feito lento de propósito. ”

De onde teria vindo, então, o título da música “O Teatro dos Vampiros”? Durante a gravação do Acústico MTV, álbum ao vivo da Legião Urbana, Renato Russo comentou: “Agora um segredo pra vocês. Não sei se vocês, mas na época daquela novela que estava fazendo sucesso; então tipo assim, tem essa crise do país e tudo, aí a gente fez essa primeira música, Bonfá fez a música e eu fiz a letra e juntamos tudo, e era pra ser sobre a tevê, e o nome da música é O Teatro dos Vampiros. ”

Por causa do título, ventilou-se a possibilidade de que a música seria uma referência à novela global Vamp, sucesso de audiência naquela época. Existe também a teoria de que a letra da composição fala sobre drogas, uma vez que o vocalista da Legião tinha problemas de dependência química.

Mesmo Renato Russo confessando que era para ser sobre a televisão, entretanto, a composição assumiu contornos inesperados e “O Teatro dos Vampiros” transformou-se em um verdadeiro documento acerca de um momento dificílimo do Brasil.

Como tudo se converteu em um verdadeiro transtorno para os brasileiros, com alta da inflação, crise econômica e o confisco da poupança pelo governo, esse cenário desalentador acabou oferecendo um norte para a criação da música “O Teatro dos Vampiros”.

Outra fonte de inspiração para a escolha do título da canção seria o livro “Entrevista com o vampiro” [1976], de Anne Rice, que ganhou adaptação para o cinema em 1994.

No livro, *O Teatro dos Vampiros* é um teatro parisiense onde só atuam vampiros. O irônico neste teatro é que os vampiros fingiam ser atores que fingiam ser vampiros e a plateia, aparentemente, nunca desconfiou de nada. Provavelmente, essa encenação da encenação tenha sido um dos motivos que levou Renato Russo a escolher o título da música, que teria levado em consideração a situação política brasileira à época em que o disco **V** foi produzido pela Legião Urbana.

Caso você, leitor da Revista Sarau, não conheça a música em questão, reproduzo aqui, a título de curiosidade, alguns trechos da canção “O Teatro dos Vampiros”:

*Sempre precisei de um pouco de atenção*
*Acho que não sei quem sou*
*Só sei do que não gosto*
*E destes dias tão estranhos*
*Fica poeira se escondendo pelos cantos*
*Este é o nosso mundo*

*Ninguém vê onde chegamos*
*Os assassinos estão livres, nós não estamos*
*Vamos sair, mas não temos dinheiro*
*Os meus amigos todos estão procurando emprego*

*Vamos lá, tudo bem eu só quero me divertir*
*Esquecer dessa noite ter um lugar legal pra ir*
*Já entregamos o alvo e a artilharia*
*Comparamos nossas vidas*
*Esperamos que um dia*
*Nossas vidas possam se encontrar*

*[Dado Villa-Lobos | Renato Russo | Marcelo Bonfá]*

Marcondes Jamacaru é professor da escola pública, poeta, contista e cinéfilo

# MEU TEMPO PERDIDO

Texto de Mylena Gomes

Tenho visão do tempo perdido.
Reflito sobre o tempo que passou,
Comi o pão que o diabo amassou.
Tudo porque esse amor me tomou.

Nós temos todo o tempo do mundo.
Todos os dias, ao acordar,
Todas as noites, ao adormecer.
Tento lembrar como foi o dia.

O seu suor sagrado,
De tantos caos dos meus pensamentos
É bem mais belo amar sem ser amado
Do que sentir o sangue amargo de te perder.

Vejo o sol dessa manhã tão cinza
Sinto a tempestade em minha pele,
O frio me invade e me deito novamente,
Sentindo que estou perdendo tempo.

Renato Russo se viciou em drogas
E eu me viciei em ti.
Preciso de ti
Para que todo esse medo em mim vá embora.

Então me aperta forte,
Diz mais uma vez que não ficaremos distantes das pessoas,
Diz para mim que sou selvagem, que me ama!

Me ame na mesma intensidade,
Deixe o nosso tempo ser perdido.
Vamos ouvir Legião à noite toda
E deixe que eu admiro teus olhos castanhos.

Nós ainda somos tão jovens.
Temos visão de tudo
E o meu tempo perdido
Será com você,
Mesmo você não me amando.

Mylena Gomes tem 18 anos e mora em Fortaleza. Sente que a vida tem sensações efêmeras. Acredita que a poesia é a forma mais real de mostrar seus sentimentos. Participou da Terceira Antologia Poética dos Alunos do Liceu do Conjunto Ceará. Instagram: @myymaira

# UMA ANTIGA CANÇÃO

Texto de Rai Albuquerque

Horizonte

Vestígios de sol

Vento areia

Gosto de sal

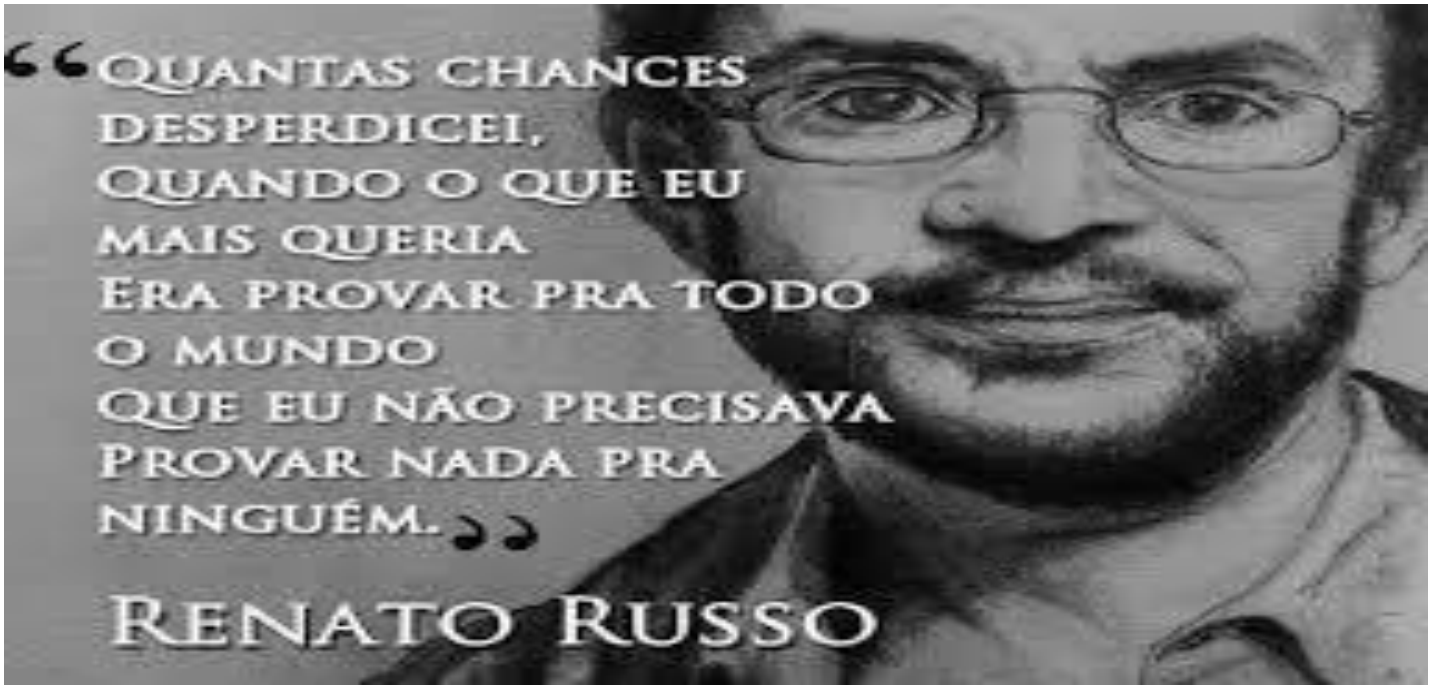
AUSÊNCIA

Passos incertos

Ondas me acertam

Eu Deserto

E nós, uma antiga canção




Rai Albuquerque mora em Fortaleza, Ceará. Graduada em Letras, com pós graduação em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Ceará. É professora, aromaterapeuta e poeta. Tem publicações de poesias na Revista Sarau n 02, 03 e 5 e nas coletâneas I tomo das bruxas: Do ventre à vida, do projeto ENLUARADAS, Poemas para celebrar a vida, organizada pela REVISTA SARAU, Como não sentir saudade, edições EHS, Estações da vida: outubro 2023, editora La Vita.

# O TROVADOR SOLITÁRIO

**Texto de José Roberto Morais**

Renato Russo nasceu
Na Cidade Maravilhosa
Até sete anos viveu
Uma infância primorosa.
Pra Nova Iorque mudou-se
E lá chegando adaptou-se
A cultura diferente,
Ao seu país retornar
Na capital foi morar
Um típico adolescente.

Começou a compor canções
Uma banda ele formou
Cantando aos corações
E muitos fãs conquistou.
Segue seu itinerário
Do Trovador Solitário
Sua imaginação emana,
Sua carreira seguindo
Com colegas se unindo
Formou Legião Urbana.

“Pais e Filhos” ele cantou
“Monte Castelo” também
“Tempo Perdido” inspirou
“A Carta” para alguém.
O “Teatro dos Vampiros”
São canções que eu admiro
Há “Vento no Litoral”
“Que País é Esse?”, grito
“Há Tempos” parece mito
“Índios” e “As Flores do Mal”.

**José Roberto Morais** - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Membro fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC), cadeira nº 09; e da Academia de Letras do Brasil (ALB/Seccional Regional Araripe CE), cadeira nº 22. É sócio efetivo da Sociedade dos Poetas de Araripe (SPA), cadeira nº 13. E-mail: joserobertos2013@gmail.com

# TROVADOR SOLITÁRIO

Texto de Alessandra Aguiar Riquet Martins

Eu fazendo faculdade de pedagogia e ela tinha apenas 16.... Foi assim que tudo começou. “ Quem um dia irá dizer que não existe razão nas coisas feitas pelo coração e quem me irá dizer que não existe razão?!”

Tudo era tão diferente. Em nada somos iguais, mas este ano estamos fazendo 25 anos de casados e 31 anos de namorados, eu com 50 e ele, 47. Strani Amori. O combinado era ficarmos bem e termos três filhos: Alexia, Alanys e o Renato, mas veio um vento do litoral e mudou os planos. Quitamos o financiamento do apartamento mais ou menos uns dois anos atrás, quando as meninas concluíram os estudos, tivemos duas filhas, Alexia e a Alanys. Batalhamos grana, seguramos legal a barra mais pesada que tiveram(*).

Ele nunca mais voltou para Brasília (ele é candango), pois a filhinha do Wesley, Alanys (a cara do pai) está de recuperação. Durante toda a nossa história, Renato Russo escreveu os amores, as angústias e vontade latente de um mundo mais humano e justo de todo adolescente e agora dos adultos, tocando as novas gerações. Acompanhamos e somos acompanhados em nossa trajetória por sua poesia.

Quando a nossa filha está no banho aos gritos... “Será que nada vai acontecer? ”... Entendemos que ela está para além de uma adolescente comum, que não repete e nem representa a situação vigente das massas. Que existe nela uma vontade de ser e fazer melhor. Já dizia Platão: “cuidado com a música que os governantes dão às pessoas”. Ouvir, cantar, assistir e ler Legião Urbana é atemporal, é uma vibração quântica, uma energia e modifica sua maneira de pensar sobre tudo. O mundo mudou pouco diante dos ideais imaginados, mas acreditamos que podemos e queremos ser muito melhores do que fomos antes.

Hoje, compramos os ingressos para o show do dia 25 de novembro, em Fortaleza. Juntamos, esticando no orçamento da família entre mercantil, vestibular, gasolina e boletos, selando nossa resistência e teimosia para sonhar com a perfeição daquele momento no qual toda a plateia se funde em um coro dizendo... ”. Será que nada vai acontecer? Será que tudo isso é em vão? Será que vamos conseguir vencer? ”... E o sonho continua...

Alessandra Aguiar Riquet Martins, graduada em pedagogia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Com pós-graduação em Psicopedagogia Aplicada pela UFC. Mestranda em Artes pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE.

# O TEMPO

Texto de Ana Paula Marques

O tempo passou e escorreu por entre os meus dedos
Como a areia ao sopro do vento
E viveu em mim o seu inevitável curso.

O tempo menino brincou sem pressa
Sob o sol da manhã e, a tempestade torrencial do inverno,
Segurou o amor e cada experiência em silêncio.

O tempo é raiz do hoje e do ontem
E amanhã, sem medo, repousará no porto gris
À sombra do desperdício, ancorado às incertezas.

O tempo perdido ensina que nada voltará,
É preciso seguir, sempre em frente
E que anela um novo horizonte.
(Poesia inspirada na música *Tempo Perdido* de *Renato Russo*)

Ana Paula Marques é professora da educação especial, poetisa e audiodescritora da Revista Sarau. É membro da Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes (AABLA) e do grupo de poetisas *Mulheres Poesis*. É coautora dos livros Educação em Revista, a Felicidade Pós-Moderna e Poetas Nordestinos Vol. I. Conquistou o 1º lugar (2023) e o 4º lugar (2022) no concurso de Microconto da União Brasileira de Trovadores.

# OS DOIS PASTORES

**Texto de Afrânio Câmara**

Dois irmãos pastores, duas crianças. Uma de 13 anos e a outra, maior, de 16. Os irmãos, jovens e unidos, pastoreiam o gado da família nas montanhas. Começam bem cedinho, como fazem desde bem menores.

Naquele dia, naquele exato dia, chegam ali homens medonhos, terroristas vindos, ninguém sabe de onde. Eles querem todo o gado e qualquer coisa que possam usar como arma. O irmão mais velho não quer entregar o gado, resiste aos bandidos pela confiança que sempre recebeu do seu pai. Em minutos uma cena por demais cruel. Aquele jovem é degolado. Ali mesmo, na presença do seu irmão menor, que de tão assustado não consegue chorar, não consegue gritar, não consegue se mover.

Os criminosos entregam à criança a cabeça do irmão morto.

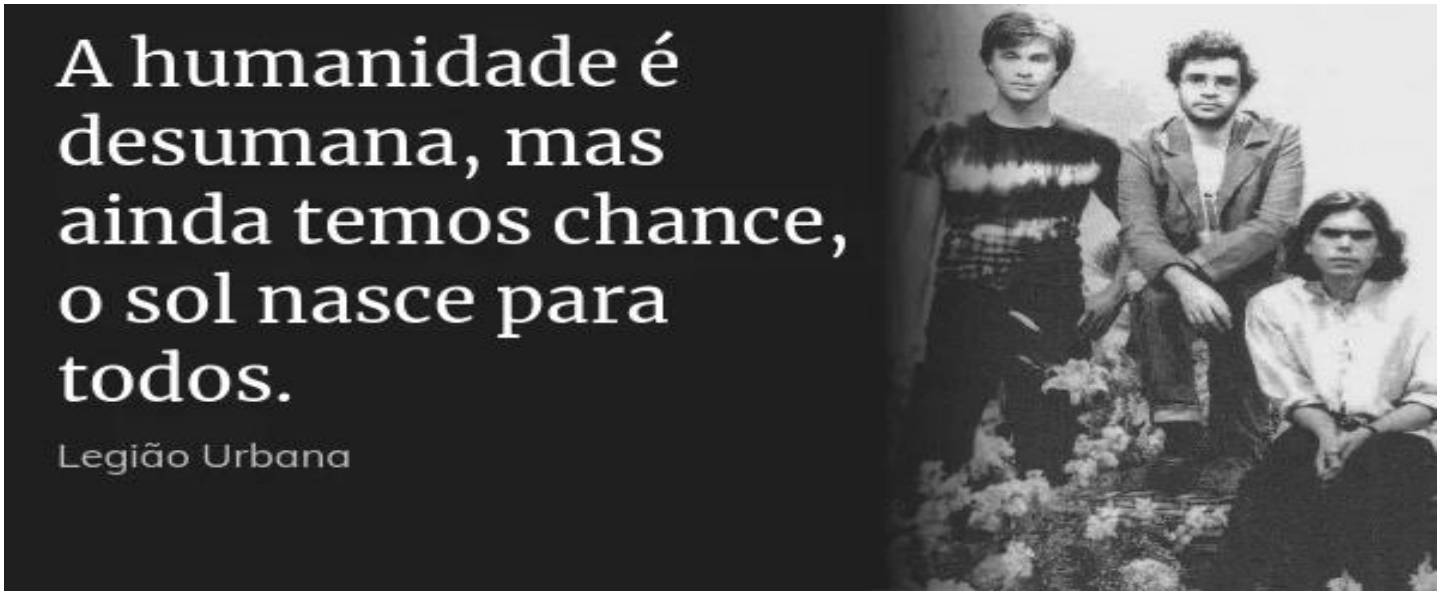
- Toma, garoto. Vai pra casa, pega o caminho de volta. Entrega isto ao teu pai e tua mãe.

No dia seguinte, ainda escuro, com a cabeça do filho mais velho nas mãos, pai e mãe na companhia do filho menor procuram pelo corpo do outro filho. Percorrem alguns caminhos já conhecidos naquelas montanhas. Ao raiar do dia, finalmente encontram. O corpo do filho primogênito estava ainda devidamente vestido, guardado, sem a cabeça, ladeado de porcos selvagens.

Pai e mãe se ajoelham e choram copiosamente pelo filho morto.

O irmãozinho se chega e coloca a cabeça junto ao pescoço do seu irmão mais velho. Pede aos pais para deixarem-no ali mesmo, acolhido pelas montanhas, sempre tão amigas deles dois. Diz para os pais que os bandidos não voltarão mais. E, se voltarem, não farão mais nada, ali, com o seu irmão. Ele não sabe explicar, mas o irmão está protegido.

Os pais ouvem o caçula e ficam ali até o entardecer. Após uma última oração, deixam o corpo do primogênito, agora inteiro, cuidadosamente coberto por flores e folhas. O caçula finaliza arrodeando o irmão com pedras menores, demarcando ali o seu corpo, como num desenho infantil.




Afrânio Câmara é Graduado em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Tem Mestrado em Letras, área de concentração em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, concluído em 1997. Defendeu Dissertação sobre a obra do escritor Rubem Fonseca. Concluiu Doutorado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, com área de concentração em Literatura Comparada, em 2011. Com o Doutorado, teve a oportunidade de aprofundar os seus estudos sobre o conto fonsequiano e narrativa urbana contemporânea. Desde o seu ingresso na UERN, ministra as disciplinas Teoria da Literatura e Literatura Brasileira na Graduação.

# RESENHA LITERÁRIA

## O AUTO DA COMPADECIDA E A SUA ATEMPORALIDADE

Texto de Néia Gava

O autor Ariano Suassuna foi considerado pelos críticos literários como artista do movimento Modernista. No entanto, os seus trabalhos fazem referências aos movimentos do Simbolismo e até mesmo do Barroco. Ou seja, o escritor deixou um vasto legado de conhecimentos, enriquecidos pela atemporalidade.

Uma de suas criações, O Auto da Compadecida, escrita em 1955, trata-se de uma verdadeira obra-prima, que foi levada aos palcos e, posteriormente, adaptada para as telas televisivas. O seu

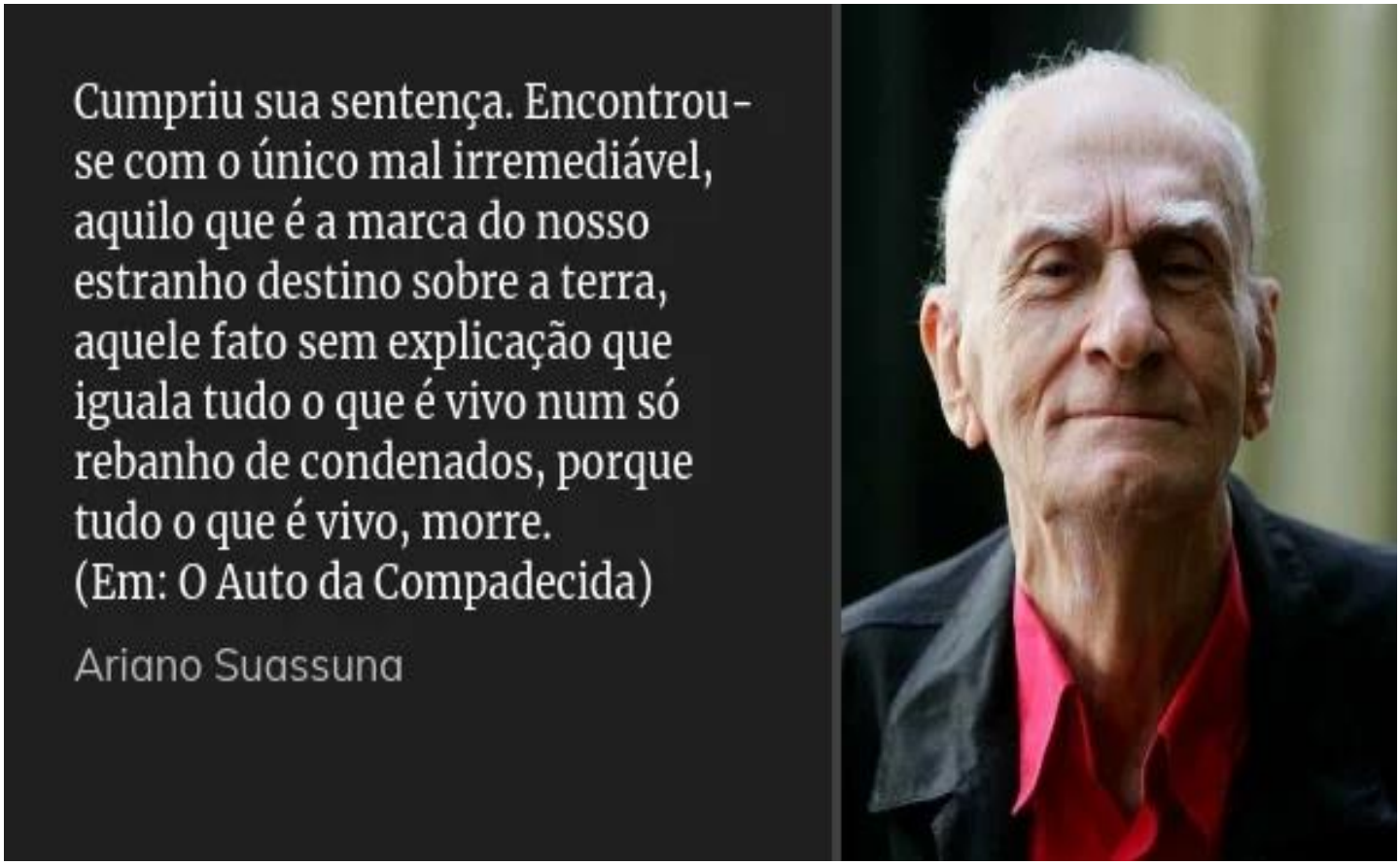
sucesso merece respeito, considerando que revela marcas atemporais da sociedade brasileira, principalmente, da região Nordeste do país.

A produção literária e teatral, carregada de humor (tanto implícito quanto explícito), tem como principal foco temático o cenário do sertão nordestino, revelando características da tradição popular. Cada personagem revela um perfil do sertão. Mas são os protagonistas (João Grilo e Chicó) que apresentam sinais plurissignificativos, pois consagram comportamentos, costumes, hábitos, linguagens, que são típicos daquela região.

Suas peripécias revelam identidades e semelhanças com o povo brasileiro, pois retratam fidedignamente o cotidiano das pessoas que lutam arduamente pela sua sobrevivência no meio social tão desigual em que vivem.

Em sua peça teatral, O Auto da Compadecida revela ainda mais claramente a importância da linguagem utilizada, pois a oralidade aparece de forma carregada de cultura regional, cujo estilo é utilizado para evidenciar a fala (linguagem oral) do povo nordestino.

Com muito humor, sagacidade e regionalismo, a obra de Ariano Suassuna pretende (sim, ela ainda pretende, pois, sua atemporalidade permite que o leitor entenda que o assunto nela abordado persiste na atualidade) criticar o sistema do poderio brasileiro, que acentua as diferenças socioeconômicas dos cidadãos, que são, ironicamente, demonstradas por meio da frase “Não sei. Só sei que foi assim”.




Néia Gava é Especialista em Letras: Português e Literatura. Membro Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante (ALAVENI) - ES. Membro atuante do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta-ES. Escreve poesias, crônicas, contos e artigos de opinião para o Portal de Notícias Da Hora ES. *Revisora de textos (livros, trabalhos acadêmicos, artigos, entre outros).*

# ARIANO SUASSUNA, UM MESTRE!

**Texto de Adriano Sousa**

Sou da última geração que conheceu o professor Ariano Suassuna. Sobretudo, sou um dos que o conheceu pessoalmente. Não convivi com ele; não tive o prazer de conversas particulares; conheci-o em uma de suas aulas aqui no Cariri Cearense, aula reduzidíssima, como ele mesmo denominava as aulas em que se apresentava sem a sua comitiva espetacular. Na oportunidade que tive de ir à sua residência em Recife-PE, ele já não vivia mais.

Antes mesmo de assistir a uma aula sua ao vivo, eu já vira outras pela televisão e pela *internet*. E foi numa dessas aulas pela *internet* que o ouvi dizer uma frase que me tocou profundamente. Uma ideia em que eu acreditava, mas que jamais havia expressado em palavras. Tal pensamento, eu jamais esqueci e desde então procurei seguir como um mantra. Ele disse: “Arte, pra mim, não é produto de mercado. Podem me chamar de romântico. Arte pra mim é missão, vocação e festa”.

Esse pensamento traduz sentimento e realidade. Não pode haver arte sem missão e sem vocação. E quando ela se faz independente destes sentimentos, jamais haverá festa. Ao mesmo tempo em que não pode ser vista como produto de mercado unicamente. Onde a arte existe para ser moeda de troca, ela ali não existe mais.

Fui sempre muito cuidadoso neste sentido. Jamais cuidei da arte como produto de mercado. A arte não escolhe apenas os grandes centros, mas também adentra as vias estreitas das favelas. A arte está nos quartos acortinados dos palácios, mas também aceita a escuridão quebrada pela vela acesa em uma senzala. Se a arte está em todos os lugares, quem nos deu o privilégio de escolher quem ler os exemplares do livro que a editora acaba de nos entregar, porque este ou aquele não dispõe de poucas moedas que possam representar a nossa ganância material?

Jamais deixei que a riqueza do mundo fosse parâmetro para os meus sonhos. E assim faço acreditar todos aqueles que me cercam. Tanto que aqueles que eu não consigo convencer demoram pouco pelos arredores.

A emoção se apresenta quando falo de arte, de vocação e de festa, de cultura... assim, cumpro como posso a missão de artista (que juro que tenho) e de liderança (quando atuo neste posto).

A arte, como produto de mercado ou como privilégio de abastados, não é o conceito que aprendi ou que já repassei aos meus discentes todas as vezes que atuei como educador. Se ela é vista ou repassada dessa forma em algum lugar, recuso convites e contatos. O que me encanta mesmo é a vocação de quem vê beleza no brilho da lua, na voz dos poetas, no lamento de saudade e no desespero dos apaixonados.

**Adriano Sousa** – Poeta, cordelista, cronista e escritor. Natural de Altaneira-CE. Graduado em Letras pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Membro fundador e atual Presidente da Academia de Letras do Brasil - ALB/ Secional Regional Araripe-CE, cadeira nº 02. Membro do Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC), cadeira nº 51. E-mail: poetadriano@hotmail.com

# ENTREVISTA - FLÁVIA SUASSUNA E ARIANO SUASSUNA

**por Elaine Meireles**

Fonte: Reprodução

Em outubro de 2023 entrevistei Flávia Suassuna, minha colega no Curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e que atualmente mora em Recife. Enviei cinco perguntas e marcamos um meet. As perguntas giraram em torno de quem era Flavia Suassuna, sobre a Educação no Brasil, a relação Escola-Professor-Aluno-Sociedade, o significado de sua eleição à Academia Pernambucana de Letras, sua relação com Ariano Suassuna. A conversa se estendeu. E então falamos sobre pandemia, ensino a distância, PISA, inteligência artificial, política, inclusão social e racial, fake news, sociedade polarizada, o destino da humanidade ... enfim, um assunto puxava o outro.

A entrevista, no formato ping-pong, foi transformada em texto corrido, contendo depoimentos, opiniões pessoais e profissionais de Flávia. Eles revelam a visão de mundo da mulher, mãe, escritora, professora, formadora de opinião e formadora de leitores. Devido ao pouco espaço, tivemos que economizar nas palavras e ideias ventiladas. Iniciemos!

Desde pequena, Flávia Suassuna tinha dois sonhos: ser escritora e ser professora. Aos 23 anos de idade, torna-se a primeira mulher pernambucana a escrever prosa de ficção em seu estado, com o romance ***Jogo de Trevas***. E logo se iniciam novas publicações em livros (poesias, crônicas, ensaios, contos, material didático, ...) e premiações. Entre elas o concurso literário organizado pela Prefeitura de Recife, com o romance ***Remissão ao silencio***. Antes mesmo de concluir o mestrado em Teoria da Literatura, sobre Ubaldo Ribeiro, seu segundo sonho já era uma realidade: ser professora! Torna-se formadora de leitores. Em 2015 foi eleita uma das *Mulheres que mudaram a História de Pernambuco*, por reconhecimento a sua atuação como professora de Literatura Brasileira e de Redação no Ensino Médio privado do Recife, preparando estudantes para o ENEM, com o Projeto Educação da Globo de PE, formando uma geração de leitores.

A conversação sobre o Dia do Professor, Educação e a relação Escola-Professor-Aluno-Sociedade foi bastante reflexiva e muito rica. A escritora pernambucana comenta a crise gerada pelo surgimento da pandemia do vírus Covid-19 na formação social, educacional, psicologia na sociedade e, de modo particular, nos estudantes. Com propriedade de quem há quarenta anos lida com a palavra (e não pretende se aposentar tão cedo), observa que a linguagem dos jovens está ainda mais restrita e condicionada aos memes, ícones e emoticons do WhatsApp. A severa análise da professora vê com apreensão o destino da Educação e a urgência de se refletir sobre essa realidade. Aproveito para recomendar a leitura de seu artigo ***O Perigo da Ortodoxia Polarizada*** (YouTube e/ou em seu blogger "Tranças"), e que deve ser lido com a vontade de quem quer entender o que estamos vivendo atualmente.

No dia 2 de outubro, Flavia Suassuna tornou-se a mais nova Imortal da Academia Pernambucana de Letras (APL). E com a propriedade de quem sabe quem é e o que quer, comenta que sente o reconhecimento de seu trabalho, quer como professora, quer como escritora. Eleita com 30 votos, ocupa a cadeira de nº 32, agora imortal, como seu tio. Então, indago sobre sua relação com Ariano Suassuna. Engana-se quem pensa que Flávia foi privilegiada quer por suas diversas premiações ou em sua "imortalidade", por ser sobrinha de Ariano Suassuna. Seu tio sempre a deixou livre para que ela fizesse sua própria estrada. Ela comenta que ele sempre foi sábio em sua orientação intelectual, iniciada na infância e pré-adolescência com presentes de livros: ***As minas do rei Salomão*** e ***O Guarani***. "Depois, já mocinha, com os romances de amor". Em nenhum momento Ariano a inseriu no Movimento Armorial, para que desfrutasse da multiplicidade das Artes ali presente. Aliás, ela sempre teve a nítida função a desempenhar: "Tenho um caminho próprio e deverei seguir nesta nova jornada... trabalhar para a formação de leitores jovens. "

Ariano Suassuna (1927-2014), foi indicado para Prêmio Nobel de Literatura, homenageado em dramatizações de suas peças teatrais, com adaptações de sua obra e documentários no cinema e na televisão, em enredos das Escolas de Samba Carnavalesca (Império Serrano, Unidos de Padre Miguel, Perola Negra, ...), foi idealizador do Movimento Armorial (criar uma Arte Erudita a partir da Cultura Popular do Nordeste Brasileiro). Filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), foi Secretário de Cultura de Pernambuco e de Recife. De formação calvinista e convertido ao catolicismo, suas obras-personagens são marcadas pela ausência de "virtudes" e excesso de" vícios", onde o Teatro Vicentino e as Peças Populares do Nordeste da Literatura de Cordel encantam com humor e ironia seus textos. Com obra inédita e com o propósito de escrever o ***Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores***, diz Ariano: "Estou acabando de escrever um romance que é o livro de minha vida. Ele é dedicado a três pessoas: Miguel Arraes, Luiz Inácio da Silva, Eduardo Campos".

Ariano Suassuna e Flávia Suassuna possuem muitas coisas em comum: pertencem à mesma família, em uma relação de tio-sobrinha; professores; escritores; imortais da APL; "transitam com facilidade e maestria vários gêneros" ao mesmo tempo, com domínio linguístico e linguagem cativante. Convido todos a mergulhar na beleza e riqueza artística de cada um, que são únicas.

**Elaine Meireles** – cearense, graduada em Letras pela UFPE e Especialista em Literatura Luso-Brasileira. Escritora, pesquisadora, professora-tutora da UFC. Responsável pelo blogger Lampião Literário. Contato: ponchetart1@gmail.com

# O DEVOLVIDO

Texto de Cristiano Ferreira Junior

Num estado afastado do eixo dos que possuem as respostas para o bem viver do mundo moderno, numa praia quase perdida de um litoral monótono, existe um cemitério, ou melhor, existem alguns túmulos esparsos, algo tristes, mas sem dúvidas resolutos em perseverar em suas existências.

Quem por lá passa, por privilégio de fuga ou destino cruel de permanência, logo vê uma cruz destacada. Uma velha cruz, talvez tão triste quantos seus irmãos túmulos, já mostrando sinais de anos de enfrentamento contra a maresia e o destino final das coisas que perecem. Num olhar mais detalhado, ou mais carinhoso, o que na maioria das vezes careciam de ser o mesmo olhar, se pode ver a altivez da madeira secular, com a sabedoria das velhas pretas que contam antigas estórias de encantados. Ferrugem em bom ferro, como no conto de Augusto Matraga

No alto da cruz, numa letra já quase apagada, se deixam mostrar um nome, data e uma sentença. Um nome comum, João, Miguel, Benedito ou Severino. Desperdício de nomes diversos para vidas tão anonimamente iguais. Na data, um dia não mais memorável nesse rio opaco das existências. Junto da data, como que impregnada pelo fio que conduz as transcendências, uma única frase. Uma única frase que doma o som e a fúria, ordena o caos, dá refresco na loucura. Alguém ali escreveu: “Aqui jaz Fulano, levado pelo mar dia tal e devolvido sete dias depois. Descanse em paz”.

E o mar, sábio por milenar em seu ofício, tem nos levado a todos. Às vezes sedutor, com possibilidades etéreas e tentadoras, com canto das sereias e promessas de ilhas seguras com coqueiros ainda ingênuos e dadivosos de sombra e frutos. E nós, um tanto sedentos de musas e praias benfazejas, mesmo já calejados por tantos naufrágios, nos deixamos engolir.

Noutras vezes, menos sutil, ele nos arrasta em ondas colossais, tsunamis incontroláveis que destroem as casas que muitas vezes supomos lar, cidades nas quais em momentos de exagerada auto importância julgamos habitar e no golpe certeiro e final arruína todos os caminhos de retorno.

E agora engolidos nos confundimos com algas, nos dissolvemos nos corais, que contaminados por nossa matéria impura, perdem a cor e se tornam desertos submersos. Criaturas abissais, com suas aparências monstruosas e familiares, nos rondam prontos a nos devorar, ou quem sabe, nos festejar como iguais.

Mas no sétimo dia, sempre haverá um sétimo dia, mesmo que escondido em séculos, o mar nos devolverá. Mulheres caridosas, tementes aos deuses e ao mar, recolherão nossos despojos. Lavarão em água doce nossos ossos, nos livrando de qualquer vestígio de sal e podridão. Intuirão, pela curvatura de nossas arcadas dentárias, nossos nomes, erguerão cruzes em frente ao mar e cantarão nossos feitos de homens devolvidos. Um canto de resignação e esperança, como as ladainhas das procissões dos dias santos.

E seremos madeira, sólida madeira, incorruptível madeira, daquelas que as tempestades pouparão, lançando olhares de respeito e admiração. Por fim, nossos filhos farão imprecisas oferendas, pois seremos aqueles que o mar devolveu.

Cristiano Ferreira Junior é um mineiro com pretensões de um dia ser cearense. Nasceu no século passado, é pai da Nina e esposo da Liana. Adora sorvete de creme ultraprocessado e acha que escrever é um pequeno remanso no rio caudaloso do cotidiano.

**FALSIDADE**

Antes de mais nada,
Preciso de sonhos para existir.
A vida aqui passa tão ligeiro...
Como podem não sentir?
Seria para compensar meu exagero?

Antes de tudo,
Que me magoes com
A verdade.
Sou fácil de aprender e mudo...
Só não suporto viver na falsidade,
Ela é a perdição do mundo.

**SIGA EM FRENTE**

Quero que deixe a dor de lado
Que tome coragem e se levante
Reencontre sua alegria do passado
E ache força para ir adiante

Esqueça o que foi ruim
Busque a sua felicidade
Acorde todo dia com vontade
De viver bem e cuidar de si
te recebe com alegria

**Valeria Acioly** (MariValéria) – alagoana, redatora de material didático do SENAI-PE– membro do Projeto Artes e Serenata de Olinda, poeta, pintora, baterista, fotografa, circula o Brasil com o esposo, em um trailer “**Pé de Mundo**”, nome também de seu canal no YouTube.

**PERSISTÊNCIA**

Passa o tempo,
Muda tudo.
Não muda
Meu coração.

As rugas
Já sulcam a face
E o passo
Já é mais lento.
Não muda
Meu coração.

E segue
Pensando alto,
E sonha,
Apesar do asfalto.
Não muda,
Meu coração!

**CONSOLAÇÃO**

Consola saber
Que tu me entendes,
Que tu me conheces,
Que tu sabes tudo.

Consola saber
Que lês nos meus olhos,
Perscrutas minha mente,
Vês a intenção.

Consola saber:
O teu pensamento
Penetra minha vida,
Vê o coração.

Consola saber:
Além da aparência,
Tu colhes a essência,
A verdade em mim.

Consola saber!

**Miriam Pina** – paraibana, graduada em Letras (UFPE) e Pós-graduada em Educação (UFRJ). Viveu onze anos da África (Zâmbia, Angola, Luanda), interprete e tradutora para a UNAVEM (missão de paz da ONU em Angola), coordenou o Projeto Pró-Vita (assistência às vítimas da guerra em Luanda), colunista do Espaço Criança da Revista Cidade Nova (SP), publicou o livro *Estressilda, a formiguinha estressada (*Editora Coralina).

**SILENCIO**

Adoro teu silencio perfumado
Nele, encontro a sonoridade do ser
Assim como a paz dos monges.

Sinto o calor e o pulsar de tuas palavras
Nelas, transito livremente como os pássaros nos céus
Assim como o vento nas altas montanhas.

Amo as marcas de teus pés na areia
Nela, infinitas histórias do teu caminhar
Assim como aquelas cravadas em meu coração.

**SUAVE BELEZA**

Por que te escondes de mim,
Ó bela negra Noite?
O Dia chega e logo foges?

És tão bela,
Tão acolhedora,
Afetuosa, extremada
És a namorada da Lua,
Tua amante de longas datas

Por que te temem alguns
Quando os raios do Sol
Se diluem anunciando a tua chegada?

Repouso em teu silencio noturno
E mergulho na intimidade do meu ser,
Onde encontro a luz da Lua
E a luz do Sol.

**Elaine Meireles** – cearense, graduada em Letras pela UFPE e Especialista em Literatura Luso-Brasileira. Escritora, pesquisadora, professora-tutora da UFC. Responsável pelo blogger Lampião Literário. Contato: ponchetart1@gmail.com

# CAFÉ OU CERVEJA

Texto de Messias Rodrigues

Ah...
Essas bebidas,
Que bem divididas,
Preenche-nos a alma de certo modo,
Desafogando-nos das mágoas
E nos conduzindo à redenção.
De antemão eu digo logo!
Prefiro o cheirinho do café à cerveja,
Mas em uma mesa de bar,
Não há como argumentar com essa paixão gelada,
Encorpada e alucinante...
O néctar dos deuses,
Que nos liberta de nós mesmos, em suas mil facetas,
Nos aprisionando em seus desejos
E no fim da noite, como em um último beijo,
Envolve-nos em um feitiço inebriante,
Que só vamos acordar na manhã seguinte
Com um cheirinho a nos esquentar a alma,
Para curar essa ressaca danada,
Da qual sempre digo: “nunca mais na vida beberei”.
E eu sei que uma xícara de café bem forte e quente,
Revigorar-me-á as forças e assim,
Mais uma vez estarei pronto para um novo dia de trabalho,
No qual, não quero nem ouvir falar em cervejas.
Pelo menos, até a hora do *happy hour,*
Onde tudo começa novamente.

Messias Rodrigues é Mestrando em Filosofia Política e Ética na Universidade Federal do Ceará. O autor tem quatro livros publicados, sendo os “Reflexos de um olhar” e “Olhares de um reflexo”, duas coletâneas de contos, crônicas, poesias e músicas, “As armas do capitalismo”, um livro que conta a história do capital, como ele surge, multiplica-se, transforma-se para permanecer como sistema dominante e “O despertar de um dia”, um romance existencialista, cuja temática é a morte.

# ARTES VISUAIS

Título: curvas – Técnica Nanquim - Autor: Amauri Flor - Catolé do Rocha PB - Trabalho baseado no violão de seu pai.

Título: lembrança.
Autor: Amauri Flor
Tec. Acrílica s/tela
Catolé do Rocha PB (2021)

Nos tempos de menino Amauri Flor andava na porta mala, era uma festa.

Amauri Flor. Contato: (83) 98731.1306

Ateliê de Arte Nonato Araújo e Galeria Maria Pio - Rua Presidente Vargas Via Férrea, 3286 Parque Presidente Vargas - Fortaleza – CE. Contato: (85) 987383650

Pintura sobre tela 40x60 - Paisagem tinta acrílica. Ferreira Lima. Contato: (85) 98911.1739